

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
CURSO DE PSICOLOGIA**

FRANCELE ABRANTE DOS SANTOS

**COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL: IDENTIFICAÇÃO DE EMOÇÕES ATRAVÉS DE
EXPRESSÕES FACIAIS NA PRÁTICA DA PSICOLOGIA CLÍNICA**

CRICIÚMA

2017

FRANCELE ABRANTE DOS SANTOS

**COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL: IDENTIFICAÇÃO DE EMOÇÕES ATRAVÉS DE
EXPRESSÕES FACIAIS NA PRÁTICA DA PSICOLOGIA CLÍNICA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Psicólogo no curso de Psicologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador Prof (ª) Rosimeri Vieira da Cruz de Souza
Coorientador Dr. Sergio Fernandes Senna Pires

CRICIÚMA

2017

FRANCELE ABRANTE DOS SANTOS

**COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL: IDENTIFICAÇÃO DE EMOÇÕES ATRAVÉS DE
EXPRESSÕES FACIAIS NA PRÁTICA DA PSICOLOGIA CLÍNICA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Psicólogo, no Curso de Psicologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos Psicossociais.

Criciúma, 27 de novembro de 2017

BANCA EXAMINADORA

Prof. Rosimeri Vieira da Cruz de Souza – Mestre - Unesc – Orientador

Prof. Sergio Fernandes Senna Pires – Doutor – Ibralc – Coorientador

Prof. Cristiane Vieira Alves – Mestre - Unesc

Prof. Gislaine Miranda Cuker – Especialista – (externo)



UNIVERSIDADE DO EXTREMO
SUL CATARINENSE - UNESC



COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL: IDENTIFICAÇÃO DE EMOÇÕES ATRAVÉS DE EXPRESSÕES FACIAIS NA PRÁTICA DA PSICOLOGIA CLÍNICA

Pesquisador: Rosimeri Vieira da Cruz de Souza

Versão: 1

CAAE: 71848817.0.0000.0119

Instituição Proponente: Universidade do Extremo Sul Catarinense

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 083128/2017

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Informamos que o projeto **COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL: IDENTIFICAÇÃO DE EMOÇÕES ATRAVÉS DE EXPRESSÕES FACIAIS NA PRÁTICA DA PSICOLOGIA CLÍNICA** que tem como pesquisador responsável Rosimeri Vieira da Cruz de Souza, foi recebido para análise ética no CEP Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC em 26/07/2017 às 10:54.

Endereço: Avenida Universitária, 1.105
Bairro: Universitário **CEP:** 88.806-000
UF: SC **Município:** CRICIUMA
Telefone: (48)3431-2723 **Fax:** (48)3431-2750 **E-mail:** cetica@unesc.net

DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL: IDENTIFICAÇÃO DE EMOÇÕES ATRAVÉS DE EXPRESSÕES FACIAIS NA PRÁTICA DA PSICOLOGIA CLÍNICA

Pesquisador Responsável: Rosimeri Vieira da Cruz de Souza

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 71848817.0.0000.0119

Submetido em: 14/07/2017

Instituição Proponente: Universidade do Extremo Sul Catarinense

Situação da Versão do Projeto: Aprovado

Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio



Comprovante de Recepção:  PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_946369

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos mentores espirituais pelo dom da vida concedido a mim, por se fazerem sempre presentes nas horas mais difíceis, me guiando e iluminando meus caminhos, me dando coragem e forças para que eu conseguisse ultrapassar as barreiras para chegar até aqui.

A minha mãe Eliane Abrante, minha irmã Mariany Abrante e minha vó Leni Gonzato por acreditarem em mim e me apoiarem nos momentos de dificuldades, pela calma e compreensão que tiveram durante toda a minha vida.

A minha orientadora Ms. Rosimeri Vieira da Cruz de Souza por aceitar o desafio de falar de um tema pouco abordado com entusiasmo e apoio incondicional.

Ao meu Coorientador Dr. Sergio Fernandes Senna Pires que foi peça fundamental nesse trabalho, que dedicou seu tempo e conhecimento sem medir esforços, partilhou ideias, encorajou e orientou para que eu conseguisse atingir meus objetivos.

As minhas amigas Evelin Marques e Vanessa Felisbino, que sempre me incentivaram e estavam sempre dispostas a escutar meus desabafos.

A todos os professores da Universidade do Extremo Sul Catarinense que passaram pela minha vida acadêmica e que de certa forma despertaram em mim um maior senso crítico e uma visão mais ampla para enfrentar os desafios e ir mais além.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a concretização deste sonho.

Muito obrigada!

“Quem não sabe o que busca, não identifica o que acha”

Immanuel Kant

RESUMO

Essa pesquisa levantou a percepção de psicólogos clínicos sobre a relevância em reconhecer emoções através das expressões faciais. Foram sujeitos, 32 psicólogos na faixa etária entre 24 e 60 anos e tempo de prática clínica entre 4 meses a 30 anos. As respostas provenientes de um questionário foram organizadas de forma a entender: (1) se psicólogo tem conhecimento sobre comunicação não verbal (conhecimento); (2) o quão relevante é reconhecer emoções através das expressões faciais (percepção); (3) a percepção e investigação das expressões faciais dos pacientes pelo psicólogo (habilidade); (4) a percepção do psicólogo em relação às suas próprias expressões faciais no contexto clínico (autopercepção); e (5) a alteração das estratégias terapêuticas conforme a expressão facial do seu paciente (adaptabilidade). Os achados indicam que os sujeitos estão atentos ao fato de que as emoções podem ser percebidas pelas expressões faciais de seus pacientes, o que mostra a sua atenção para as reações físicas e motivacionais das pessoas atendidas. Os sujeitos prestam atenção às expressões faciais das emoções, o que facilita a distinção dos estados emocionais de seus pacientes e oportuniza as alterações da estratégia psicoterápica de forma dinâmica, uma vez que a observação adicional de indicadores emocionais pode ajudar a direcionar o processo terapêutico com mais assertividade. Além disso, 96.9% dos entrevistados acreditam que perceber as emoções pelas expressões faciais é uma habilidade essencial para o psicólogo, o que pode indicar que a identificação de emoções facilita e contribui positivamente no contexto clínico.

Palavras chave: Expressões faciais; Comunicação não verbal; Emoções.

ABSTRACT

This research investigated the perception of clinical psychologists about the relevance of recognizing emotions through facial expressions. Thirty-two psychologists, in the age range between 24 and 60 years and clinical practice time between 4 months and 30 years, were subjects. The given answers from a questionnaire were organized in order to understand: (1) if psychologist has knowledge about nonverbal communication (knowledge); (2) how relevant it is to recognize emotions through facial expressions (perception); (3) how psychologists perceive patients' facial expressions and emotions (ability); (4) a psychologist's perception of his own facial expressions within clinical context (self-perception); (5) the shift of the therapeutic strategy according to the perceived emotion in facial expression of his/her patient (adaptability). The findings indicate that subjects are attentive to the fact that emotions can be perceived through facial expressions of their patients, which shows their attention to the physical and motivational reactions of others in clinical conditions. The subjects observe the facial expressions of the emotions, which facilitates the distinction of the emotional states of their patients and represent an opportunity for shifting psychotherapeutic strategy in a dynamic way. Since more behavioral and emotional indicators are observed, it is expected a more assertive therapeutic strategy. In addition, 96.9% of respondents believe that perceiving emotions by facial expressions is an essential skill for psychologists, which may indicate that this approach on perception of emotions facilitates and contributes positively regarding clinical context.

Keywords: Facial expressions; Non verbal communication; Emotions.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Componentes da emoção	22
Figura 2 - Conjunto de retratos mostrados durante a leitura	25
Figura 3 - Retratos (fisionomia) dos Fores	26
Figura 4 – Raiva e suas características nas expressões faciais	29
Figura 5 - Alegria e suas características nas expressões faciais	30
Figura 6 – Tristeza e suas características nas expressões faciais	31
Figura 7 - Surpresa e suas características nas expressões faciais	32
Figura 8 - Medo e suas características nas expressões faciais	33
Figura 9 - Nojo e suas características nas expressões faciais.....	34
Figura 10 - Desprezo e suas características nas expressões faciais.....	35
Figura 11 – Tempo de prática x dificuldade	48

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Esquema para análise dos dados.....	41
Tabela 2 – Categoria conhecimento – percentual de respostas.....	44
Tabela 3 – Categoria percepção – percentual de respostas	45
Tabela 4 – Aplicabilidade	46
Tabela 5 – Categoria competência – percentual de respostas.....	47
Tabela 6 – Categoria autopercepção – percentual de respostas	49
Tabela 7 – Categoria adaptabilidade – percentual de respostas.....	50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CT - Concordo Totalmente

CP - Concordo Parcialmente

C - Concordo

DT - Discordo Totalmente

DP - Discordo Parcialmente

D - Discordo

FACS – *Facial Action Coding System*

SNA – Sistema Nervoso Autônomo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 TEMA	16
1.2 PROBLEMA	16
1.3 HIPÓTESE	16
1.4 OBJETIVOS.....	16
1.4.1 Objetivo Geral	16
1.4.2 Objetivos Específicos	16
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
2.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE EXPRESSÕES FACIAIS	17
2.2 CONCEITO DE EMOÇÕES	19
2.2.1 Emoções Básicas e Expressões Faciais	24
2.2.2 Raiva	28
2.2.3 Alegria	29
2.2.4 Tristeza	30
2.2.5 Surpresa	31
2.2.6 Medo	32
2.2.7 Nojo	33
2.2.8 Desprezo	34
3 PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS	36
4 METODOLOGIA	37
4.1 TIPO DE PESQUISA.....	37
4.1.1 Envio do projeto para o Comitê de Ética	37
4.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	38
4.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO	38
4.4 CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO	38
4.5 ASPECTOS ÉTICOS	39
4.6 BENEFÍCIOS E PREJUÍZOS	39
4.7 INSTRUMENTO	40
5 APRESENTAÇÃO DOS DADOS E DISCUSSÃO	43
6 CONCLUSÃO	51
REFERÊNCIAS	53
APÊNDICE	57

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PSICÓLOGOS.....	58
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PSICÓLOGOS.....	59
APÊNDICE C – REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA PESQUISA – ABORDAGEM TEÓRICA	61
APÊNDICE D – REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA PESQUISA – NUNCA OUVI FALAR DE COMUNICAÇÃO VERBAL.....	62
APÊNDICE E – REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA PESQUISA – JÁ LI A RESPEITO SOBRE COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL	63
APÊNDICE F – REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA PESQUISA – JÁ ESTUDEI COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL.....	64
APÊNDICE G – REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA PESQUISA – ME CAPACITARIA EM TÉCNICAS DE IDENTIFICAÇÕES DE EXPRESSÕES FACIAIS	65
APÊNDICE H – REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA PESQUISA – INVESTIGO TIPOS DE COMUNICAÇÕES NÃO VERBAIS EM MEUS PACIENTES	66
APÊNDICE I – REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA PESQUISA – PRESTO ATENÇÃO NA EXPRESSÃO FACIAL DO MEU PACIENTE	67
APÊNDICE J – REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA PESQUISA – SEI IDENTIFICAR EMOÇÕES ATRAVÉS DA FACE.....	68
APÊNDICE K – REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA PESQUISA – PERCEBO COM FACILIDADE MUDANÇAS DE EXPRESSÕES FACIAIS.....	69
APÊNDICE L – REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA PESQUISA – ESSAS TÉCNICAS SÃO MUITO DIFÍCEIS.....	70
APÊNDICE M – REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA PESQUISA – É UMA HABILIDADE ESSENCIAL PARA O PSICÓLOGO	71
APÊNDICE N – REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA PESQUISA – QUESTIONO O PACIENTE QUANDO A FALA NÃO CONDIZ COM SUA EXPRESSÃO FACIAL..	72
APÊNDICE O – REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA PESQUISA – ACREDITO MAIS NA EXPRESSÃO FACIAL DO QUE NA FALA DO PACIENTE	73
APÊNDICE P – REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA PESQUISA – PERCEBO MINHAS EXPRESSÕES FACIAIS NO DECORRER DA SESSÃO DE TERAPIA ..	74
APÊNDICE Q – REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA PESQUISA – NÃO COSTUMO ME ATER A ESSES DETALHES	75
APÊNDICE R – REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA PESQUISA – MANTENHO CONTATO FÍSICO COM MEU PACIENTE DURANTE A SESSÃO DE TERAPIA .	76

APÊNDICE S – REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA PESQUISA – ME SENSIBILIZO COM A EXPRESSÃO FACIAL DO MEU PACIENTE	77
APÊNDICE T – REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA PESQUISA – PERCEBO QUE MINHAS EXPRESSÕES FACIAIS SENSIBILIZAM MEU PACIENTE.....	78
APÊNDICE U – REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA PESQUISA – ESSAS TÉCNICAS NÃO SE APLICAM A MINHA ABORDAGEM	79
APÊNDICE V – REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA PESQUISA – NÃO TENHO INTERESSE EM APRENDER SOBRE O ASSUNTO	80
ANEXO.....	81
ANEXO A – TCLE - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO....	82

1 INTRODUÇÃO

Sob o ponto de vista evolucionista, o motivo do ser humano conhecer a face de outra pessoa com tanta precisão está relacionado a importância que ela tem para a nossa sobrevivência, pois trata-se do centro de toda nossa experiência emocional. Desde o nascimento até morte, nossa face é responsável pelas relações com todos sujeitos que interagimos. O rosto de uma pessoa, é capaz de comunicar um repertório completo de emoções humanas. Apenas observando a face, é possível perceber uma grande quantidade de informações, tão importantes quanto o resto da situação em contexto (FAIGIN, 1990).

O reconhecimento de informações com valência emocional provenientes do meio ambiente é crucial para adaptação e para o funcionamento social. Nesse sentido, as expressões faciais se destacam como uma fonte rica e condensada de informações, fornecendo pistas importantes sobre o estado emocional e as intenções dos indivíduos (NETO, 2008, p. 21).

Essa pesquisa busca investigar qual é a percepção dos psicólogos sobre o uso da identificação de emoções básicas através das expressões faciais e sua relevância no contexto clínico.

Atualmente, o estudo sobre comportamento não verbal vem sendo alvo de interesse em vários campos teórico-práticos, tanto nas áreas de conhecimento psicológico, jurídico, segurança, vendas, entre outros. Contudo, poucos estudos se propõem a aprofundar na linha de identificação de emoções através de expressões faciais. De acordo com (Ekman apud Sanchez, 2007), reconhecer as expressões faciais ajuda as pessoas e profissionais a terem sucesso nas suas tarefas cotidianas. O mesmo autor também afirma que é possível treinar profissionais, como vendedores, policiais, advogados a reconhecerem com mais êxito as expressões faciais.

A relevância desse estudo reside na sua finalidade de produzir conhecimento nessa área, por meio da revisão da literatura científica e da realização de uma pesquisa empírica sobre as expressões faciais, suas respectivas relações com as emoções e a percepção de psicólogos sobre a importância do reconhecimento dessas emoções na sua prática clínica.

1.1 TEMA

Comunicação não-verbal: Identificação de emoções através de expressões faciais na prática da psicologia clínica.

1.2 PROBLEMA

Qual a percepção do psicólogo sobre a utilidade da identificação das expressões faciais na prática da Psicologia Clínica?

1.3 HIPÓTESE

A identificação de emoções através das expressões faciais, na percepção de psicólogos, pode contribuir positivamente na prática da Psicologia Clínica

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 Objetivo Geral

Discutir o uso da identificação das expressões faciais no trabalho do psicólogo clínico.

1.4.2 Objetivos Específicos

- Apresentar conceitos sobre expressões faciais;
- Descrever as características das emoções básicas
- Apresentar as relações entre as expressões faciais com as emoções básicas;
- Levantar a percepção de psicólogos clínicos sobre a relevância em reconhecer emoções através das expressões faciais na sua prática profissional.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE EXPRESSÕES FACIAIS

Darwin, um dos pioneiros no estudo de comportamentos, tanto em humanos quanto em animais, concluiu que as expressões faciais permitem que manifestemos estados emocionais sem a necessidade de serem comunicados através da fala. Em suas viagens ao redor do mundo, percebeu que existiam conjuntos de comportamentos que estariam diretamente ligados a um determinado estado emocional específico, que eliciam sinais físicos e comportamentais observáveis por terceiros. A origem de tais expressões corpóreas de acordo com Darwin teria um caráter hereditário e enunciou três princípios gerais da expressão (GREBOT, 2012).

O primeiro princípio foi nomeado como princípio dos hábitos associados úteis, segundo o qual existe uma relação entre os conjuntos de movimentos realizados, relacionados a uma sensação ou desejo específico, tornando-se esses movimentos habituais toda vez que o indivíduo experimenta o desejo ou a sensação novamente. O segundo princípio é o da antítese, que consiste na tendência de executar movimentos opostos diante estados emocionais opostos, como por exemplo a alegria, um de seus movimentos característicos é a elevação dos cantos da boca, diante de um estado emocional em antítese de alegria, a tristeza, ocorre o movimento contrário, há o rebaixamento dos cantos do lábio. E por fim, o terceiro princípio que é o das ações devidas à constituição do sistema nervoso, de acordo com o qual certos movimentos ocorrem de forma independente da vontade ou hábito do indivíduo, pois estabelecem uma relação direta com o sistema nervoso em função da estimulação sensorial (GREBOT, 2012).

Ainda segundo Darwin, as expressões faciais e corporais das emoções fazem parte do nosso repertório evolutivo, manifestando-se de modo idêntico em todos os indivíduos, independentemente da sua etnia ou cultura. Após um estudo detalhado das ações musculares envolvidas na expressão das emoções, Darwin concluiu que estas são universais e identificáveis não só em humanos, mas também em todos os outros primatas e alguns dos restantes mamíferos. (ROSA, 2011, p. 14)

A partir daí, surgiram diversas teorias sobre as emoções básicas. Nesse estudo adotamos a lista proposta por Ekman (1984, 1992) uma vez que esse pesquisador é referência mundial no estudo das emoções e das suas relações com as expressões

faciais. São elas: (1) raiva, (2) alegria, (3) tristeza, (4) surpresa, (5) medo, (6) nojo e (7) desprezo.

Afim de confirmar a hipótese sobre a possível universalidade das emoções básicas e dos seus respectivos indicadores faciais, Ekman, Sorenson e Friesen desenvolveram uma pesquisa na qual mostraram fotografias dos rostos de pessoas expressando as emoções básicas para estudantes universitários da Argentina, Brasil, Chile, Japão e Estados Unidos, pedindo que estes informassem qual a emoção era percebida na fotografia. A emoção identificada com mais facilidade foi a alegria e as que tiveram índices mais baixos de acerto intercultural foram as de raiva e medo. A identificação bem sucedida dos participantes dos diferentes países para as expressões faciais de emoção apresentadas nas fotografias, foi tomada como evidência da universalidade dessas expressões (FERREIRA, 2012).

Quando os dados obtidos através dessa pesquisa foram apresentados em congresso, surgiram críticas de que a alta concordância entre os estudantes universitários se deu pelo fato de todos eles serem de culturas letradas e expostos a meios de comunicação de massa, como televisão, rádio, cinema, etc (FERREIRA, 2012).

A fim de comprovar a universalidade das expressões de emoções básicas, Ekman produziu outro estudo, agora em uma pequena comunidade, de Nova Guiné, no povoado dos Fores, em 1967, cujos habitantes nunca haviam assistido filmes, programas de televisão e praticamente não interagiram com estrangeiros, havendo baixa possibilidade de terem aprendido outras expressões emocionais estranhas ao seu grupo. No momento em que eram exibidas fotos de pessoas ocidentais, foi solicitado que os sujeitos criassem uma história a respeito de cada uma das expressões faciais apresentadas: “Diga-me o que está acontecendo agora, o que aconteceu antes para fazer essa pessoa demonstrar essa expressão e o que vai acontecer depois”. A grande maioria das histórias estava de acordo com a emoção expressa na fotografia; por exemplo, diante de um retrato que, em nossa cultura, denominamos tristeza, os Fores contaram histórias relacionadas à morte, descreviam que o filho do indivíduo da fotografia havia falecido (CHAMATI, 2013).

A ideia de universalidade das expressões faciais das emoções mantém-se como um dos princípios básicos na abordagem evolutiva ao estudo das emoções e baseia-se na noção de que a anatomia facial é colocada, através das expressões, ao serviço da resolução de problemas de adaptação

relativos à vida social, presentes em todas as culturas (MATSUMOTO et al., 2008, apud ROSA, 2011 p. 14)

A partir da ideia de universalidade das emoções básicas, o assunto tomou grandes proporções e foi foco de debate entre os estudiosos desde então. Recentemente, a discussão predominante versa sobre a dicotomia, inato *versus* aprendido. Para Birdwhistell “as expressões faciais de emoções são produtos exclusivos da cultura”, ideia essa que logo foi contestada pelo estudo conduzido por Eibl-Eibesfeldt “que argumentou, mostrando a presença das expressões faciais de emoções de crianças com cegueira e surdez congênita”, isto é, a capacidade destes sujeitos de expressarem na face as expressões faciais básicas, conforme descrito por Ekman (FERREIRA, 2012, p. 15).

2.2 CONCEITO DE EMOÇÕES

A emoção é um tema antigo no âmbito da ciência, não se resumindo somente à psicologia, pois abrange questões teóricas pertinentes a outras áreas, como a filosofia, sociologia, neurociências, dentre outras. O debate sobre a definição, a conceitualização e os aspectos físicos, psíquicos e comportamentais que estão envolvidos na emoção surge inicialmente com a tripartição cognição-emoção-motivação de Platão, progredindo junto com a ciência, incluindo divisão mente-corpo de Descartes, a universalidade e o evolucionismo de Darwin e a importância da percepção dos estados corporais de William James, conforme resumido por Scherer, “até os modelos contemporâneos de estudo das emoções, que englobam conceituações epistemológicas, reações comportamentais e fisiológicas, juntamente com correlatos cerebrais” (VIEIRA, 2015, p.18).

Embora as emoções estejam presentes na grande maioria das vezes nos acontecimentos da vida de um indivíduo, estas configuram-se “provavelmente como um dos aspectos menos compreendidos nas dimensões psicológicas, biológicas e sociais da experiência humana” (Riva et al., 2007, *apud* Arruda, 2015, p.4)

Essa complexidade que envolve o conceito de emoções está relacionada a um aspecto central: “O que causa uma emoção? “. Sobre isso explica Reeve (2006, p. 193):

Nesta análise causal entram em jogo muitos pontos de vista, inclusive biológicos, psicoevolutivos, cognitivos, desenvolvimentais, psicanalíticos,

sociais, sociológicos, culturais e antropológicos. Apesar dessa diversidade, a compreensão do que causa uma emoção alinha-se em torno de uma polêmica central: biologia *versus* cognição. Essencialmente essa polêmica pergunta se as emoções são fenômenos primariamente biológicos ou primariamente cognitivos. Se as emoções são biológicas na maioria, deveriam emanar de um núcleo causal biológico, tal como circuitos neuroanatômicos cerebrais e o modo pelo qual o corpo reage a eventos significativos da vida. Porém, caso as emoções sejam principalmente cognitivas, deveriam emanar de eventos mentais causais, tais como avaliações subjetivas do que a situação significa para o bem-estar da pessoa.

A definição de emoção é de difícil consenso entre os investigadores interessados por esta área de pesquisa (ARRIAGA; ALMEIDA, 2010), pois cada pesquisador utiliza objetos, métodos e teorias, surgindo dessa forma diversos conceitos para o mesmo tema.

Para Jr (1975), ao se falar de emoções estamos nos referindo a sensações subjetivas que ocorrem em resposta a algum fator estimulante, comumente de origem externa. Dessa forma, qualquer indivíduo já terá experimentado sensações de amor, raiva, medo ou frustrações, reconhecendo-os como fenômenos não racionais.

William James, em 1890, apresentou uma hipótese sobre a natureza das emoções, que leva em consideração exclusivamente os sintomas e sensações percebidos pelo indivíduo ao se emocionar. De acordo com sua ideia:

Se imaginarmos uma emoção forte e depois tentarmos abstrair da consciência que temos dela todos os sentimentos dos seus sintomas corporais, veremos que nada resta, nenhum “substrato mental” com que constituir a emoção, e que tudo o que fica é um estado frio e neutro de percepção intelectual (JAMES, 1890 apud DAMÁSIO, 1994 p. 56).

Dessa forma James atribuiu pouca ou nenhuma importância ao processo de avaliação mental da situação que provoca a emoção. O mesmo autor ainda salienta que “cada objeto que excita um instinto excita também uma emoção”, trazendo a ideia de que não há necessidade de avaliar a importância dos estímulos para que uma ação aconteça (DAMÁSIO, 1994).

Diferentemente de William James, Reid *apud* Jr (1975, p. 3) após realizar uma análise filosófica a respeito do tema concluiu que:

O termo emoção pode ser empregado quando quisermos definir: a) um estado afetivo dado pela introspecção, geralmente mediado por atos interpretativos; b) o conjunto das alterações fisiológicas internas, que visam ao retorno do equilíbrio normal entre organismo e o meio ambiente; c) os vários tipos de comportamentos manifestos estimulados pelo meio, e com ele se envolvendo em interações constantes, que são expressivas do estado fisiológico de excitação e também do estado psicológico mais ou menos agitado.

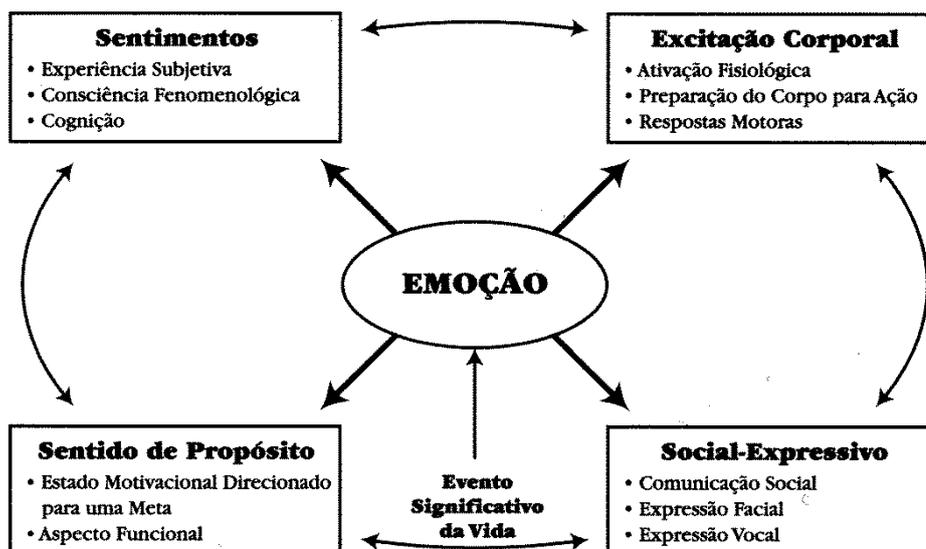
Já para Vonderahe a emoção é uma maneira de sentir e agir, podendo ser definida como uma tendência de um organismo de afastar-se ou aproximar-se de algum objeto, seguido de alterações somáticas, podendo ser um impulso e um elemento de prontidão ou alerta, o oposto também acontece, ocasionando a depressão dos movimentos (JR, 1975).

Wallon que também compartilha dessa ideia, acrescenta que se por um lado as emoções nos paralisam, por outro, nos levam a agir, a fim de reestabelecer a homeostase do organismo (LANE; ARAUJO, 2000).

Quando falamos de emoção, existe outro fator que deve ser levado em consideração, a experiência, pois se trata da parte subjetiva do processo emotivo, é o que o sujeito realmente sente quando emocionado, introspectivamente em relação às experiências anteriores. Os psicólogos dividiram tais experiências emocionais em dois tipos de reações afetivas, agradáveis e desagradáveis, sendo essas sensações experiências conscientes, porém subjetivas, logo, dificilmente passíveis de estudo quantitativo e objetivo (JR, 1975).

Para Reeve (2006) as emoções geralmente surgem como reações a eventos situacionais importantes, que ao serem ativadas geram sentimentos, ativam o corpo para uma ação, também geram estados motivacionais e se expressam publicamente. Dessa forma o autor acredita que as emoções são multidimensionais, em parte são sentimentos subjetivos, pois nos fazem sentir de determinado modo (alegres, tristes, raivosos e etc), também são reações biológicas, pois, são respostas mobilizadoras de energias, que preparam nosso corpo para adaptar-se às situações do cotidiano (luta e fuga), são agentes de um propósito, pois cria um desejo motivacional de fazer algo que, se não fosse ela, poderíamos não fazer, tal como protestar contra uma injustiça. E por fim são fenômenos sociais, pois, quando nos emocionamos emitimos sinais faciais, posturais e vocais que comunicam a outros sujeitos a qualidade e intensidade da nossa emoção.

Figura 1 - Componentes da emoção



Fonte: Reeve (2006)

Na figura acima, Reeve (2006) demonstra as quatro dimensões (ou componentes) que são percebidas no momento de uma emoção. O componente sentimento dá a emoção a sua experiência subjetiva, que tanto possui significado como importância pessoal, dessa forma a intensidade e a qualidade da emoção é sentida e experienciada em nível subjetivo, ou seja, o aspecto sentimento tem suas raízes em processos cognitivos.

O componente excitação corporal, também trazido pelo autor, está relacionado a nossa ativação biológica ou fisiológica, que inclui atividades do sistema autônomo e hormonal, pois estes são os responsáveis por regular e preparar nosso comportamento corporal adaptativo durante a emoção, um exemplo disso, é quando estamos em estado emocional de raiva, nossa fisiologia se altera, aumentando assim nossa frequência cardíaca, liberação de epinefrina na corrente sanguínea, postura alerta, punhos cerrados etc (REEVE, 2006).

Ainda de acordo com o mesmo autor, temos o componente propositivo é aquele que dá a emoção o estado motivacional na busca de metas, ou execução necessária do manejo das circunstâncias emocionais enfrentadas. Esse aspecto explica porque as pessoas se beneficiam das emoções, pois um indivíduo incapaz de sentir amor, medo, interesse dentre outras emoções, estaria em substancial desvantagem social, sobrevivência física, e, conseqüentemente, evolutiva, em relação aos que se emocionam (REEVE, 2006).

E por fim, Reeve (2006) traz o componente social-expressivo, que é o aspecto comunicativo de nossas emoções, podendo ser percebidos através de posturas, gestos, vocalizações e expressões faciais. É a comunicação não-verbal da maneira que nos sentimos e interpretamos uma situação em determinado momento.

É importante esclarecer que as teorias sobre emoções que foram trazidas a esse estudo nos ajudam a entender a sua centralidade para a vida humana como elemento motivador, sendo um dos aspectos fundamentais a ser considerado pelo psicólogo durante a terapia.

Conforme Vasco (2013) ao se trabalhar as emoções com os pacientes estaremos promovendo melhor adaptação, bem estar e saúde mental desses sujeitos. Ainda de acordo com esse autor, dentre os benefícios de trabalhar as emoções com pacientes em psicoterapia destacam-se: melhorar a capacidade de experienciar e desfrutar de prazeres físicos e psicológicos, aprender a diferenciar sofrimento produtivo de improdutivo, estabelecer e manter relações de proximidade com os outros, concretizar desafios sentidos como valiosos, exercer influência sobre o meio, delegar, e renunciar atividades, explorar o ambiente e se abrir à novas experiências, trabalhar congruência entre os pensamentos, sentimentos e comportamentos do próprio indivíduo, ser capaz de identificar, aceitar e aprender com insatisfações e erros pessoais, dentre outros.

Dessa forma, cabe esclarecer que o objetivo deste trabalho não é encontrar um conceito ou definição de emoção, tampouco esgotar as discussões que um tema tão abrangente pode vir a promover. No entanto, devido a tantas concepções, é válido ressaltar a importância de se destacar qual definição de emoção será utilizada, para os métodos de pesquisa e interpretação dos resultados.

O conceito a ser utilizado é proposto por Ekman e Cordaro (2011 *apud* Vieira, 2015, p. 19).

Cada emoção não é um único estado afetivo ou psicológico, e sim uma família de estados relacionados, de forma que, não são estáticos ou isolados, mas sim, modulados conforme as especificidades do momento, embora mantenham características comuns, que pertencem àquela categoria. Todas as emoções podem ser experimentadas em um *continuum* de intensidade e estão sujeitas a variação individual e contextual.

Além disso, a produção científica de Paul Ekman foi escolhida para corroborar nesse trabalho em razão de ter sido pioneira no estudo das emoções e expressões faciais, também pelos inúmeros prêmios e reconhecimentos que o cientista obteve por

meio de seus estudos e publicações, chegando a ser considerado um dos 100 psicólogos mais notáveis do século XX (PIRES, 2017).

Em parceria com Wallace Friesen desenvolveu o sistema Facial Action Coding System – FACS que permite descrever as expressões faciais humanas e colabora para que novos estudos sobre microexpressões faciais sejam desenvolvidos (PIRES, 2013).

2.2.1 Emoções Básicas e Expressões Faciais

O estudo das emoções vem recebendo grande destaque ao longo das últimas décadas, por se tratar de um aspecto fundamental da vida humana, pesquisas vem se fortalecendo e se expandindo a fim de promover inteligibilidade aos seus mecanismos. No que respeita às funções das emoções, Ekman e Davidson (1994), tendo explorado os pontos de convergência entre as diferentes linhas teóricas, salientam três funcionalidades. Em primeiro lugar, as emoções têm propriedades motivacionais. Por outro lado, as emoções organizam os padrões comportamentais e fisiológicos para lidar com eventos que evocam emoções, interrompendo atividades menos importantes que estejam a decorrer. Por fim, existe consenso na ideia de que os sinais emocionais informam os outros sobre as nossas motivações e motivam os outros a agir, o que é fundamental, nas interações sociais, ao longo da sua vida. (ARRUDA, 2014 p. 23).

Para Ekman (1984, 1992), as emoções transmitidas pelas expressões universais seriam emoções básicas, cuja expressão e decodificação não precisam ser aprendidas e estão presentes em todas as culturas humanas.

Os movimentos musculares da face que seguem estas emoções são comuns a todas as pessoas, independente de sexo, idade ou etnia. Outros trabalhos realizados por Matsumoto e Willingham (2004, 2006) com cegos de nascença indicam a possibilidade de que haja uma origem genética e possivelmente universal nas emoções consideradas básicas. Conforme mencionado no início desse trabalho, a pesquisa realizada por Ekman com o povo Fore foi fundamental para que se chegasse a essa conclusão. Após retornar, depois de alguns meses de pesquisa e de estudar um novo método utilizado por Jonh Dashiell que contava histórias para crianças e pedia que elas escolhessem o retrato mais apropriado para aquela ocasião, Ekman retornou ao povoado dos Fores, em 1968. A partir de uma releitura das histórias

criadas pelos próprios habitantes, selecionou as que apareceram com mais frequência: a) Os amigos chegaram e ele está feliz; b) Ele está furioso e prestes a lutar; c) O filho morreu e ele está muito triste; d) Ele está olhando para algo que não gosta; e) Ele está olhando para algo que cheira mal; f) Ele está olhando para algo novo e inesperado; g) Ele está em casa sozinho e não há mais ninguém na aldeia, não possui faca, machado ou arco, um porco do mato está parado na porta de casa e o homem (mulher) está olhando para o animal e sente muito medo.

Ao término de cada relato, foram apresentados três retratos para que o sujeito escolhesse o que, em sua opinião, melhor representasse a emoção predominante na estória. Os resultados foram muito bem definidos para tristeza, alegria, raiva e nojo. Medo e surpresa não se distinguiram um do outro. (EKMAN, 2011).

Figura 2 - Conjunto de retratos mostrados durante a leitura

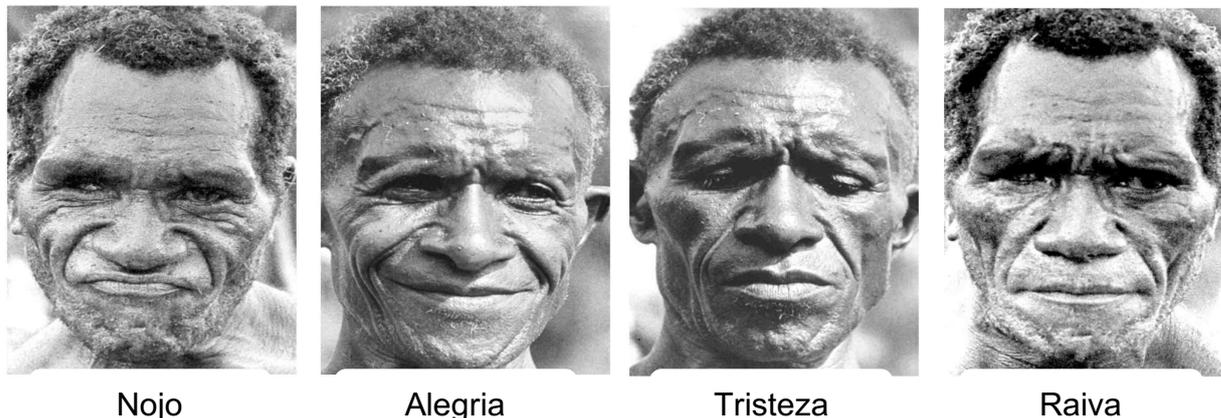


Fonte: Ekman (2011).

Após o término desse estudo, outra experiência foi realizada. Um dos pesquisadores leu para novos entrevistados que não haviam participado da primeira experiência, uma das histórias criadas pelos próprios habitantes do povoado e pediu para que eles mostrassem a expressão facial que fariam se fossem a pessoa da tal história.

Abaixo, quatro exemplos de poses de emoções dos Faces expressas nessa segunda experiência.

Figura 3 - Retratos (fisionomia) dos Fores



Fonte: Ekman (2011)

Os vídeos feitos com as poses dos Fores, foram levados aos universitários nos Estados Unidos, onde cada emoção foi corretamente identificada, havendo dificuldades somente nas emoções de medo e surpresa, da mesma forma que os Fores também apresentaram. Concluiu-se, portanto, que se as expressões faciais fossem específicas à cada cultura, os estudantes universitários dos Estados Unidos não seriam capazes de interpretar as emoções básicas dos Fores (EKMAN, 2011).

Davis (1979) concorda com Ekman no que se refere a algumas expressões serem universais, como quando as pessoas sorriem em um momento feliz ou enrugam a testa em momentos de raiva. Todavia, pontua que o comportamento inato de expressar emoções é influenciado por “Regras de Demonstração” que podem ser específicas de cada cultura, e que estas, determinam quais expressões são congruentes em cada situação. Dessa forma, ao analisar a expressão facial de um sujeito deve-se levar em consideração não apenas os aspectos inatos de suas expressões, também o contexto sociocultural em que são emitidas.

Da mesma forma Pires (2011, p. 1) complementa:

Devemos observar diversas dimensões, entre as quais a linguagem corporal que joga um papel fundamental. É necessário observar o que a pessoa fala, como se movimenta, quais são as suas expressões faciais e quando todos esses eventos ocorrem uns em relação aos outros.

Lawrence e colaboradores realizaram um estudo com 484 crianças, com idades entre os seis e dezesseis anos de idade, com o intuito de testar a universalidade das emoções básicas através de expressões faciais consideradas universais. Nessa oportunidade, todas as crianças conseguiram identificar corretamente as emoções

representadas, em níveis superiores ao acaso. A identificação das expressões de felicidade, surpresa, medo e nojo aumentou consideravelmente com a idade, com a tristeza e a raiva apresentarem taxas semelhantes nos diferentes níveis etários (ROSA, 2011).

Silva & Caramschi (1991) também realizaram uma pesquisa cujos objetivos eram: a) mensurar diferentes habilidades para falar dos sinais de expressões faciais e b) julgar estas expressões de uma forma holística. Concluíram que as pessoas julgam razoavelmente bem as expressões globais das sete emoções básicas (raiva, alegria, tristeza, surpresa, medo, nojo e desprezo), mas não conseguem descrever satisfatoriamente os componentes de cada uma destas expressões.

Esse estudo pontua que perceber não significa compreender, ter consciência ou deter conhecimentos sobre os processos de percepção da comunicação não-verbal (MESQUITA, 1997 p. 161).

Pesquisas mais recentes desenvolvidas por Ekman (2003) sugerem que a maioria das pessoas não utilizam as informações sutis mostradas nas expressões faciais, embora, em muitos diálogos as expressões faciais podem nos dizer o que não foi pronunciado em palavras.

Nesse contexto, temos a face como a área mais visível do corpo humano para a exibição das emoções e das nossas intenções, possivelmente até mais do que a voz e a postura. Nos encontros que temos face a face, cada indivíduo observa as reações emocionais das outras pessoas e uma fonte de informação se torna disponível (AMARO, 2000).

A face é para os teólogos o espelho da alma, para os artistas e fisionomistas permite avaliar o carácter, para os clínicos e investigadores revela emoções. Qualquer que seja a abordagem possível, as faces são sempre mais que ossos, músculos e carne. As nossas faces significam algo de transcendente, pois, “dizem” algo de nós, declarações das nossas próprias intenções e reflexos das intenções dos outros. (FRIDLUND, 1994 apud AMARO, 2000, p. 10).

A expressão facial humana vem sendo estudada de diversas formas, a fim de apurar o que varia e o que se mantém constante no reconhecimento das expressões e das emoções. Às áreas de Etologia Humana e Psicologia do Desenvolvimento acolheram com agrado diversos trabalhos sobre esse tema, a primeira focando os aspectos regulativos e não para o expressivo e a segunda com pesquisa das emoções em geral, preferencialmente para o seu aspecto expressivo (AMARO, 2000).

A face fornece diversos sinais para transmitir mais de um tipo de mensagem, simultaneamente. Ao tentar identificar a mensagem das emoções, é possível identificar o sinal errado, correndo-se o risco de não ser possível diferenciar claramente as mensagens das emoções de outras mensagens transmitidas pelo rosto. Dessa forma a face transmite emoções que podem ser congruentes ou incongruentes com aquilo que está sendo dito pela pessoa. Portanto, se desejamos saber qual emoção alguém está sentindo, devemos observar as mudanças temporárias na face, porque são esses sinais faciais rápidos que fornecem tais informações (EKMAN; FRIESEN, 2003).

Sob o ponto de vista da observação das expressões faciais das emoções básicas e da sua interpretação, Soussignan (2004) argumenta sobre o elevado potencial das expressões faciais em revelarem a ocorrência de processos psicológicos relacionados ao funcionamento do Sistema Nervoso Autônomo (SNA). Segundo o autor, essas observações podem ser utilizadas como um canal extra de informação em relação a outros processos psicológicos menos ligados ao SNA.

A seguir, serão abordados aspectos próprios de cada uma das sete emoções básicas propostas por Ekman e Friesen (2003) e das suas correspondentes expressões faciais, sendo elas, raiva, alegria, tristeza, surpresa, medo, nojo e desprezo. Uma das finalidades desse detalhamento é auxiliar em futuros aprofundamentos do presente estudo, uma vez que a revisão de literatura, em Língua Portuguesa, nesse tema é bastante escassa.

2.2.2 Raiva

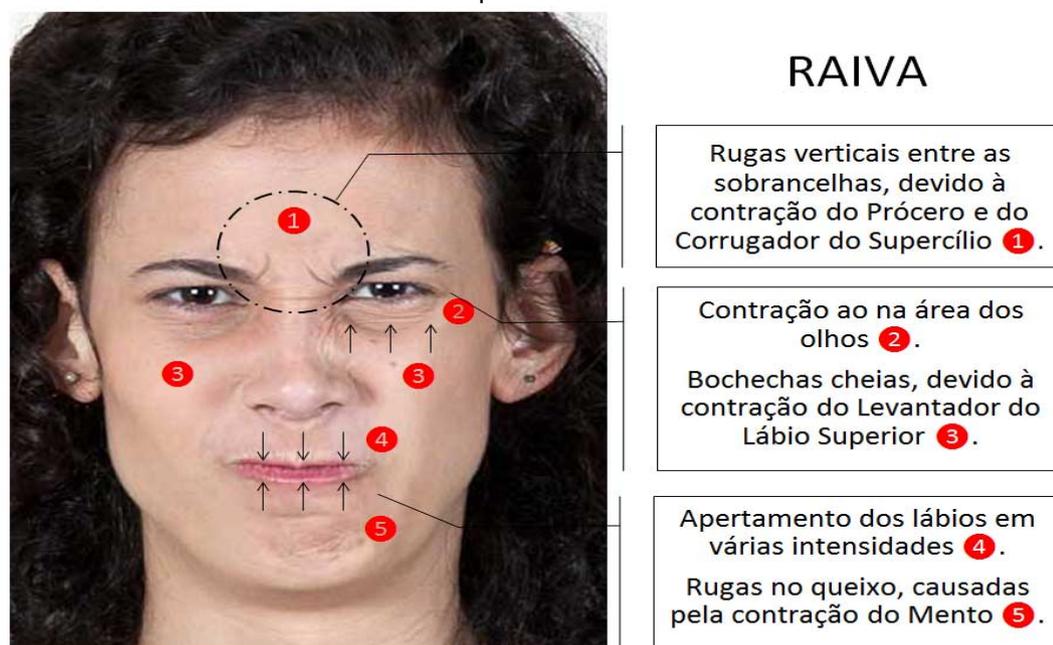
A raiva é uma das emoções mais perigosas, pois pode desencadear um comportamento capaz de machucar outras pessoas propositalmente, parte da experiência dessa emoção é o risco da perda de controle, por isso é comum a expressão “perdi a cabeça” quando uma pessoa justifica uma ação realizada no momento da raiva (EKMAN; FRIESEN, 2003).

Entretanto, a raiva pode ser imensamente importante no processo psicoterápico, uma vez que a desejada mudança de comportamento pode ocorrer em decorrência de um estado de elevada ativação emocional, o que é proporcionado pela raiva.

De acordo com Silva (2009), a raiva é uma emoção vivenciada por todas as pessoas, o que a diferencia é como os indivíduos lidam com ela e a expressam, alguns podem extravasar e agredir pessoas, outros guardar para si, ignorá-la ou orientá-la de forma construtiva, abrindo canais de comunicação e resolução de conflitos e torná-la uma fonte de desenvolvimento pessoal.

Ainda de acordo com Ekman e Friesen (2003) na expressão facial as alterações causadas pela raiva estão nas sobrancelhas baixadas e juntas, lábios apertados ou separados em forma de quadrado, pálpebras tensas e olhos com dificuldades de encarar. Os mesmos autores salientam que existem alterações distintas em cada uma das três áreas faciais e a menos que essas alterações ocorram em todas, não fica claro se a pessoa está realmente com raiva.

Figura 4 – Raiva e suas características nas expressões faciais



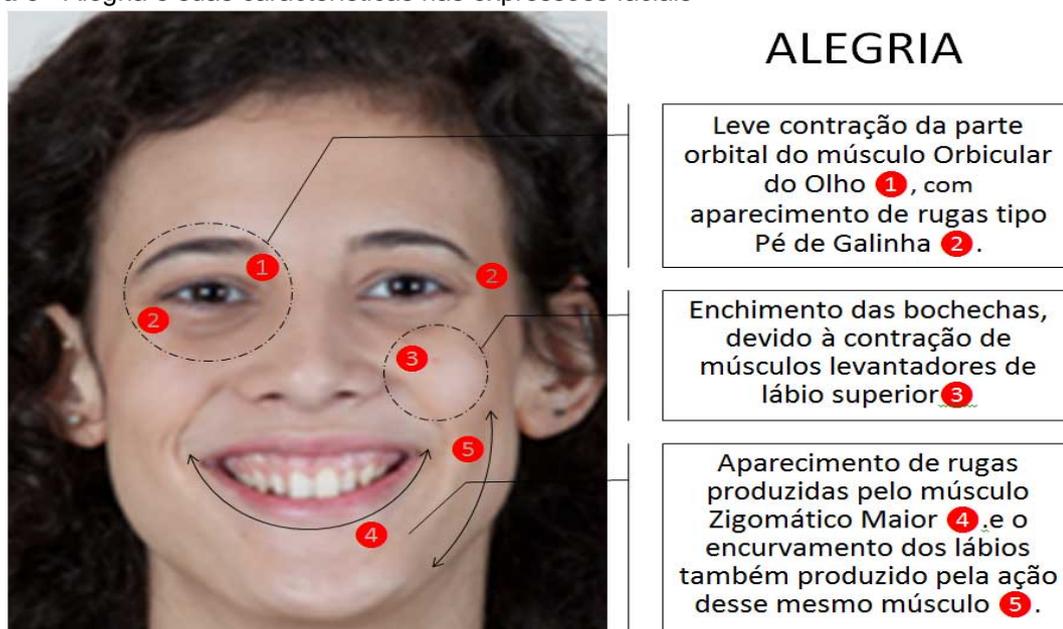
Fonte: Pires (2017)

2.2.3 Alegria

A alegria é uma emoção positiva que a maioria das pessoas quer experimentar. Muitas delas organizam sua vida para aumentar as experiências felizes e diversos indivíduos pensam na felicidade como prazer, excitação ou ambos, não conseguindo distinguir entre essas experiências (EKMAN; FRIESEN, 2003).

No que diz respeito à expressão facial dessa emoção, de acordo com os autores citados acima, na alegria devemos observar os lábios abertos ou fechados, com os cantos ligeiramente para cima e para trás, com os dentes expostos ou não, as bochechas se elevam intensificando as dobras naso-labiais e as pálpebras inferiores são empurradas para cima, ocasionando rugas abaixo das mesmas e “pés de galinha” no canto externo dos olhos, este último não fica visível em todas as pessoas, mas se tornam mais aparentes com a idade.

Figura 5 - Alegria e suas características nas expressões faciais



Fonte: Pires (2017)

2.2.4 Tristeza

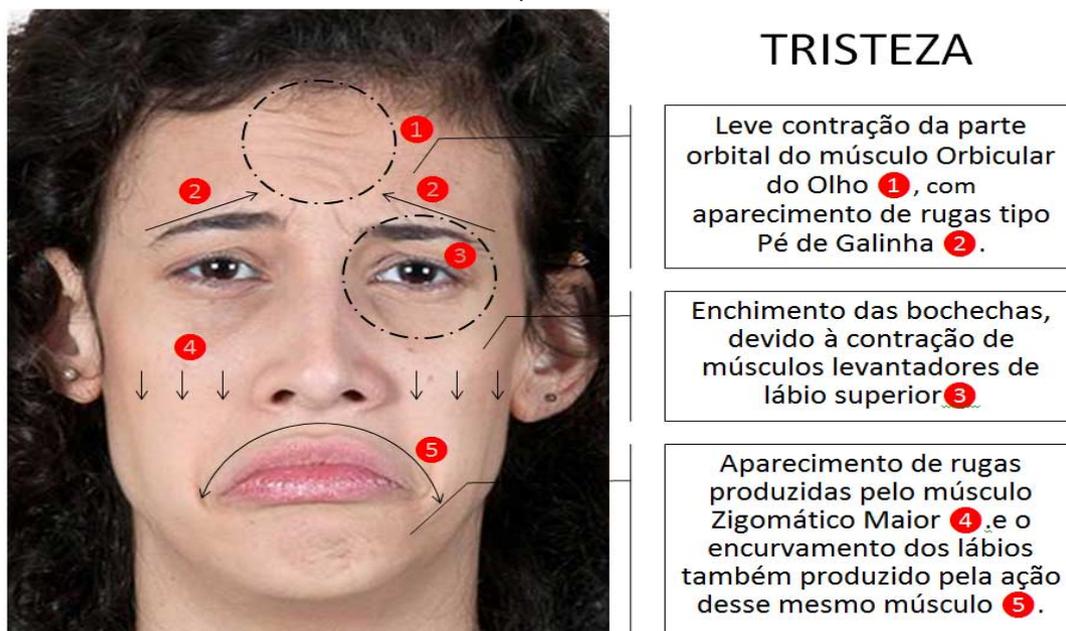
A tristeza raramente é uma emoção breve, pois podemos ficar tristes por alguns minutos, horas ou até mesmo dias. Pode levar muito tempo para que alguém se recupere da tristeza da perda de um ente querido, saúde, acidente e etc (EKMAN; FRIESEN, 2003).

A tristeza é um sentimento que pode tornar as pessoas passivas, conforme descrito por Darwin:

Eles não desejam mais ação, mas permanecem imóveis e passivos, ou ocasionalmente se arrastam de um lado para o outro. A circulação torna-se lânguida; o rosto pálido; os músculos flácidos; as pálpebras caem; A cabeça fica no peito contraído; os lábios, as bochechas e a mandíbula inferior se afundam para baixo do seu próprio peso. (DARWIN, 1965 apud EKMAN; FRIESEN, 2003, p. 114).

Ainda de acordo com os mesmos autores, na expressão facial da tristeza verifica-se que os cantos internos das sobrancelhas são levantados e ficam mais juntos, a pele abaixo da sobrancelha é triangulada, com o canto interno da pálpebra superior levantado, os cantos dos lábios baixados ou até mesmo tremendo.

Figura 6 – Tristeza e suas características nas expressões faciais



Fonte: Pires (2017)

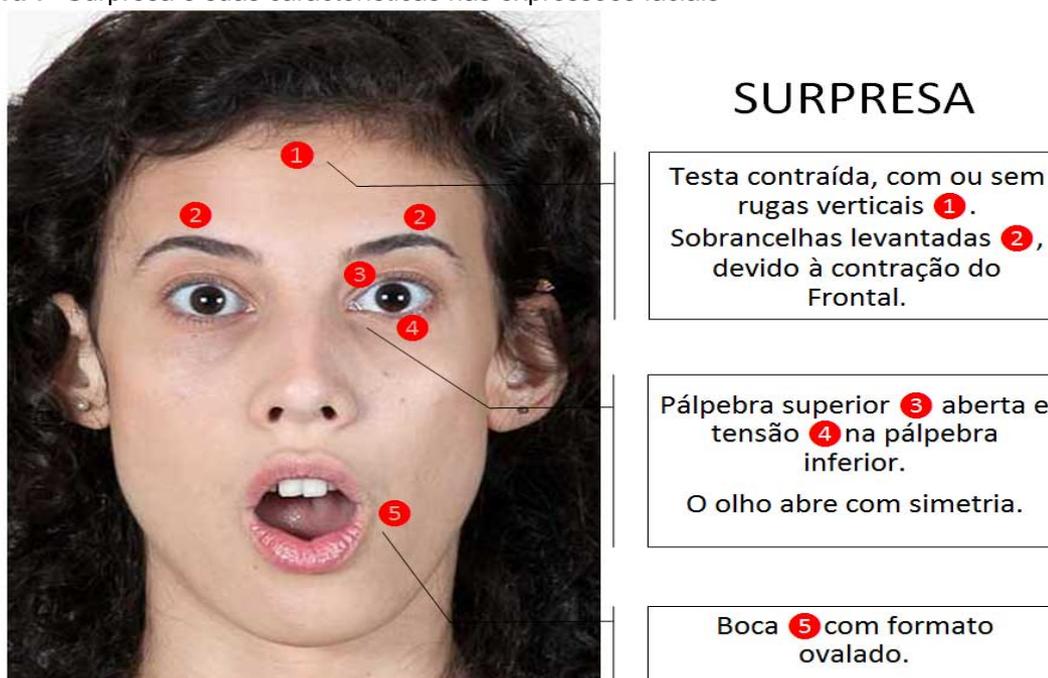
2.2.5 Surpresa

Esta emoção é uma das mais breves, seu início acontece de forma repentina e inesperada, as pessoas não se surpreendem por muito tempo, a menos que o evento que causou surpresa desencadeie novos eventos surpreendentes. Quando você deixa de ser surpreendido, seu desaparecimento é tão repentino como foi o início. Quase tudo pode ser surpreendente, desde que seja inesperado, uma imagem, som, cheiro, gosto ou toque pode nos deixar surpresos. Mas não só as sensações físicas são capazes de nos causar surpresas, ideias, comentários, sugestões imprevistas ou mal antecipadas de outra pessoa pode nos surpreender (EKMAN; FRIESEN, 2003).

Segundo os autores mencionados acima, na expressão facial de surpresa devemos observar as sobrancelhas levantadas em forma de curva, os olhos bem abertos com as pálpebras inferiores relaxadas e as pálpebras superiores levantadas, e a mandíbula cai fazendo com que os lábios e os dentes se separem. Em alguns

casos, o levantamento das sobrancelhas produz longas rugas horizontais na testa, porém, nem todos os indivíduos apresentam essas rugas, como é o caso da maioria das crianças pequenas, também há casos onde mesmo quando as sobrancelhas estão levantadas as rugas não ficam visíveis. Algumas pessoas têm rugas horizontais, linhas gravadas permanentemente em seus rostos, mesmo quando as sobrancelhas não foram movidas, mas isso é incomum até a meia idade. Se existem rugas permanentes no rosto neutro, as rugas ficam ainda mais profundas e mais aparentes quando as sobrancelhas são elevadas na surpresa (EKMAN; FRIESEN, 2003).

Figura 7- Surpresa e suas características nas expressões faciais



Fonte: Pires (2017)

2.2.6 Medo

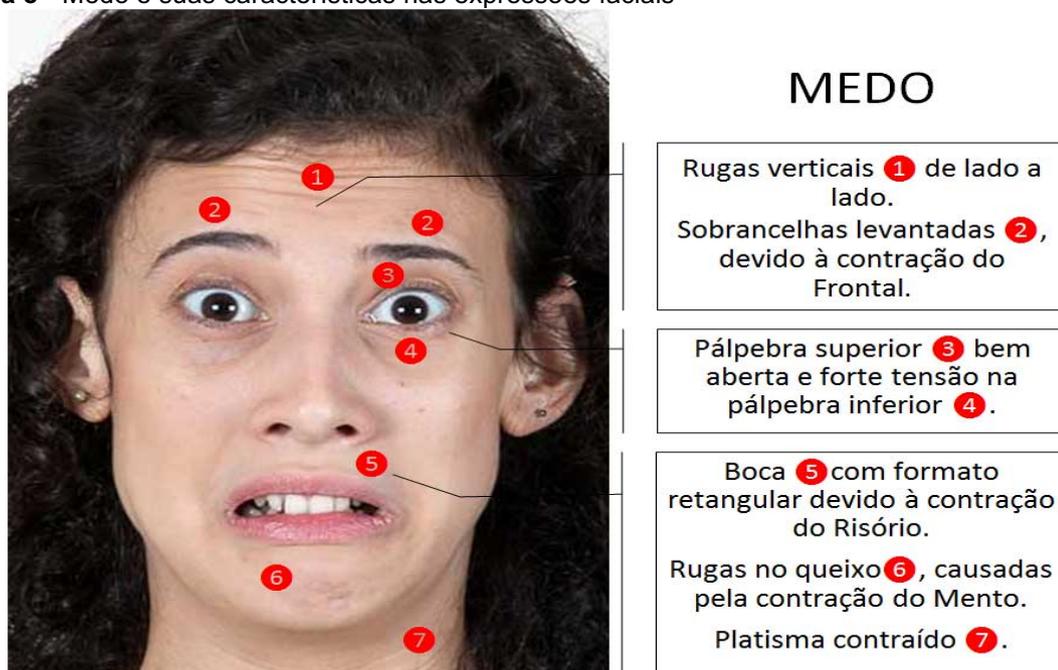
As pessoas temem danos, independentes de serem físicos ou psicológicos, ambos podem variar desde o medo de uma vacina ou até lesões que ameaçam a vida, no que se refere ao medo psicológico, podemos citar insultos menores ou desapontamentos por atentados extremos ao bem-estar de alguém (EKMAN; FRIESEN, 2003).

Sob o ponto de vista dos autores acima, a sobrevivência depende de aprender a evitar ou a escapar de situações que causam dor severa e a probabilidade

de lesões físicas. Aprende-se a antecipar o perigo cedo, a avaliar o que está ocorrendo, e ficar atento para a possibilidade de danos. Muitas vezes sentimos medo antecipadamente, de ameaças reais ou imaginárias. Teme-se qualquer evento, pessoa, animal, coisa ou ideia que pareça perigosa

Ainda de acordo com os mesmos autores, na expressão facial do medo devemos observar o levantamento das sobrancelhas de forma endireitada (cantos internos), os olhos abertos com as pálpebras superiores levantadas, e as pálpebras inferiores tensas podendo cobrir parte da íris, os lábios esticados em direção as orelhas, e algumas rugas horizontais na testa, mas geralmente não ocorrem como na surpresa, que ficam visível na maior parte da testa.

Figura 8 - Medo e suas características nas expressões faciais



Fonte: Pires (2017)

2.2.7 Nojo

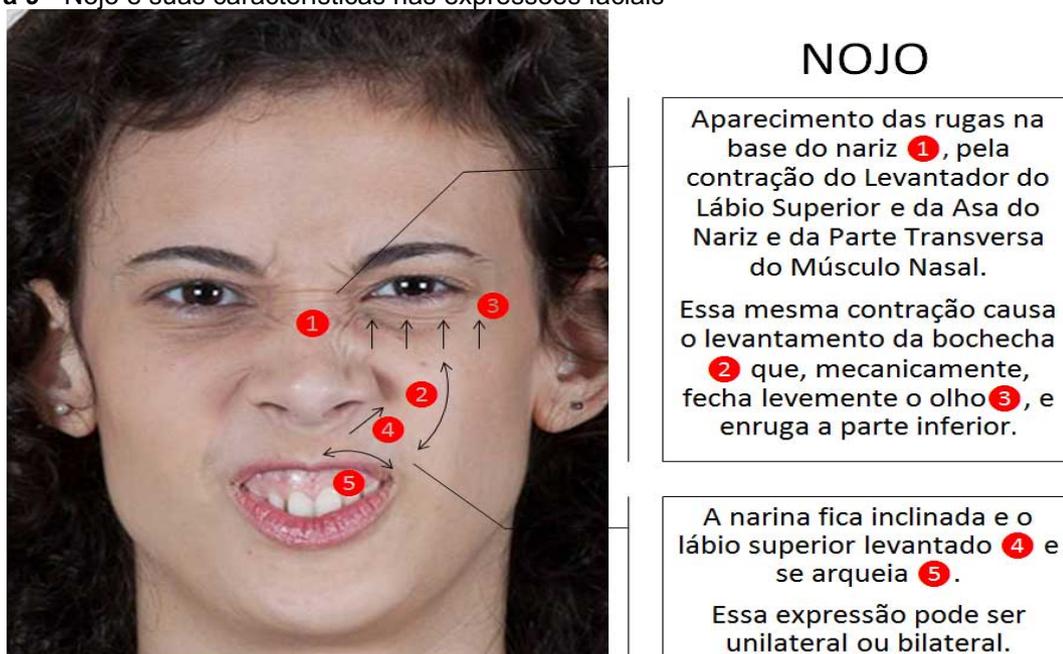
O gosto ou pensamento de comer algo desagradável, pode fazer com que você sinta nojo. A imagem de algo que para você pode ser repulsivo pode provocar o nojo. Os sons também podem desencadear essa emoção, desde que estejam relacionados a algum evento considerado abominável. (EKMAN; FRIESEN, 2003).

Ainda de acordo com os autores acima, é importante salientar que os gostos, cheiros, toques ou quaisquer outras coisas que podem causar nojo para uma cultura,

pode ser que não cause para outras, o que pode ser facilmente exemplificado com os alimentos, como, comer carne de cachorro ou cérebro de bezerros, mesmo dentro de uma mesma cultura não há unanimidade sobre o que é nojento ou não (EKMAN; FRIESEN, 2003).

Os autores supracitados salientam que as mudanças mais significativas na face causadas pelo nojo são observadas no nariz enrugado, lábio superior levantado, enquanto o lábio inferior pode ser levantado ou abaixado, as pálpebras inferiores são empurradas para cima, estreitando-as devido ao movimento das bochechas, causando linhas e dobras abaixo dos olhos e a sobrancelha é abaixada.

Figura 9 - Nojo e suas características nas expressões faciais



Fonte: Pires (2017)

2.2.8 Desprezo

O desprezo é uma emoção próxima do nojo, que denota aversão. A diferença básica consiste que o desprezo tem uma elaboração cognitiva maior. É experimentado em relação a pessoas ou suas ações, e não sobre gostos, cheiros ou toques como no nojo. Comer cérebros de bezerros, exemplo citado no nojo, pode ser nojento, mas não provoca desprezo. Quando se despreza uma pessoa ou suas ações, alguém se sente superior (geralmente moralmente). (EKMAN; FRIESEN, 2003).

De acordo com Ekman (2011), na expressão facial do desprezo, um dos cantos da boca se enrijece e é um pouco erguido.

Figura 10 - Desprezo e suas características nas expressões faciais



Fonte: Pires (2017)

3 PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS

Um dos objetivos mais perseguidos pelo ser humano é o de conhecer a realidade, conhecer a verdade. Para tanto, ao longo de sua vida, utiliza vários mecanismos. E entre tantos mecanismos, a Pesquisa Científica surge como uma das opções, para atingir essa meta (MARTINS, 1994).

O presente estudo iniciou-se a partir da pergunta de partida para a qual se procura resposta:

- Qual a percepção do psicólogo sobre a utilidade da identificação das expressões faciais na prática da Psicologia Clínica?

A partir dessa pergunta, o presente trabalho visa levantar a percepção de psicólogos clínicos sobre a relevância em reconhecer emoções na sua prática profissional, juntamente com os objetivos descritos abaixo

- Apresentar conceitos sobre expressões faciais.
- Descrever as características das emoções básicas;
- Apresentar as relações entre as expressões faciais com as emoções básicas;

A hipótese é uma espécie de pressuposição que antecede a constatação dos fatos. Dessa forma, também se diz que as hipóteses de trabalho são formulações provisórias daquilo que se procura conhecer e, em consequência, são supostas respostas para o problema ou assunto da pesquisa, cuja adequação será verificada através da pesquisa. (ROSSI, SILVEIRA, SANTOS, 2012). Atendendo ao exposto, optou-se por formular a seguinte hipótese:

Hipótese: A identificação de emoções através das expressões faciais, na percepção de psicólogos, pode contribuir positivamente na prática da Psicologia Clínica.

4 METODOLOGIA

4.1 TIPO DE PESQUISA

Esse estudo se caracteriza como uma pesquisa de campo do tipo *Survey* exploratória descritiva. Segundo Forza (2002), uma pesquisa *survey* exploratória-descritiva aplica-se nas etapas iniciais do estudo de um fenômeno, fornecendo apoio para uma pesquisa mais aprofundada.

Também é bibliográfica pois utilizou-se de levantamento de referenciais teóricos publicados em livros, artigos científicos a fim de conhecer mais sobre o tema do trabalho. De acordo com Fonseca (2002) o trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica pois permite ao pesquisador conhecer o que já foi estudado sobre o assunto, através do levantamento de referenciais teóricos já analisados e publicados por meios escritos ou eletrônicos.

As perguntas da pesquisa foram elaboradas através de uma divisão de categorias, que consistem em:

- O psicólogo tem conhecimento sobre comunicação não-verbal (Conhecimento);
- O psicólogo percebe e investiga expressões faciais em seus pacientes (Competência);
- O uso da identificação de expressões faciais contribui na prática clínica (Percepção);
- O psicólogo percebe suas expressões faciais no contexto clínico (Autopercepção);
- O psicólogo altera suas estratégias terapêuticas a partir da percepção das emoções do paciente observando as suas expressões faciais (Adaptabilidade).

Antes da coleta de dados da pesquisa, alguns procedimentos foram adotados para permitir a execução do estudo. Abaixo segue a descrição de cada etapa.

4.1.1 Envio do projeto para o Comitê de Ética

Antes de iniciar a condução da pesquisa, o projeto foi enviado e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade do Extremo Sul Catarinense/ UNESC, que se orienta pelos preceitos da Associação Médica Mundial redigida em 1964, revisada 6 vezes e

atualizada em Outubro de 2008 em relação às Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos.

Contato inicial com a coordenação de psicologia e da pós-graduação em terapia cognitivo comportamental da UNESC.

Após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética da Universidade do Extremo Sul Catarinense/ UNESC, foi realizado contato com a coordenação do curso de psicologia a fim de ser obtida uma lista com os e-mails de todos dos professores que são psicólogos do curso psicologia, para dar início ao envio do formulário de pesquisa.

O mesmo procedimento foi feito com a coordenação do curso de pós-graduação em terapia cognitivo comportamental, porém, os e-mails solicitados foram dos alunos do curso.

4.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Para esta pesquisa foi aplicado o questionário elaborado pela pesquisadora, os quais foram enviados por e-mail utilizando sistema Survey. Os participantes estão delimitados a profissionais que estiverem enquadrados nos critérios de inclusão.

4.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

- Ter formação em psicologia.
- Possuir registro ativo no Conselho Regional de Psicologia;
- Consentir formalmente a participação neste estudo;

4.4 CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

- Possuir alto grau de deficiência visual;

4.5 ASPECTOS ÉTICOS

Visando a preservação da bioética, durante a realização desta pesquisa serão tomados os seguintes cuidados:

O estudo possui um Termo de Compromisso para Utilização de Dados que garante o anonimato dos membros, cujos dados colhidos por meio do questionário garante que as informações obtidas serão utilizadas única e exclusivamente para fins deste estudo.

Considerando que serão investigadas questões relacionados a conhecimentos técnicos, o Termo de Compromisso segue as exigências formais contidas na resolução de nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde onde esta, deixa claro que, pesquisa envolvendo seres humanos é aquela que individual ou coletivamente, envolva o ser humano, de forma direta ou indireta, em sua totalidade ou partes dele, incluindo o manejo de informações ou materiais.

Aspectos éticos do estudo como a confidencialidade, a privacidade, o anonimato, a proteção de imagem será assegurada aos participantes no decorrer de todo o processo de pesquisa.

4.6 BENEFÍCIOS E PREJUÍZOS

Devido à relevância que o tema de identificação de emoções através das expressões faciais possui na atualidade, o estudo se faz pertinente pois busca levantar a percepção de psicólogos clínicos sobre a relevância em reconhecer emoções através das expressões faciais na sua prática profissional.

Essa identificação das emoções pelo psicólogo pode ser utilizada para regular a empatia no processo terapêutico, para incentivar a adesão à terapia ou até mesmo para indicar a necessidade de mudança na estratégia terapêutica. Todos esses aspectos podem evidenciar a relevância para que a identificação das emoções pelas expressões faciais seja realizada durante os encontros psicoterápicos.

Nesse sentido, um relatório preparado pela Associação Psicológica Norteamericana (2006, p. 277) sustenta:

Uma parte central da prática clínica é a habilidade interpessoal que é manifesta em formar vínculos terapêuticos, interpretar respostas verbais e não-verbais, criando expectativas realistas e positivas e oferecendo empatia

para as experiências implícitas e explícitas das pessoas em terapia e também de suas queixas.

Por se tratar de uma pesquisa que utilizará da verificação do questionário, pode haver riscos referente a identidade dos participantes. Entretanto se faz necessário ressaltar que o acadêmico visa os aspectos éticos envolvendo o sigilo sobre as relações colhidas, e por meio do termo de compromisso para utilização de dados garantir a confidencialidade dos mesmos.

4.7 INSTRUMENTO

O questionário contendo 22 questões foi elaborado de forma que fosse possível investigar 5 categorias distintas. A primeira delas denominamos “Conhecimento”, é constituída por 5 perguntas e tem como objetivo verificar se psicólogo possui conhecimento sobre comunicação não verbal e qual a sua profundidade;

A segunda, “Percepção”, com 4 questões, avalia a percepção dos psicólogos sobre a relevância em reconhecer emoções através das expressões faciais;

A terceira, “Competência”, também com 5 perguntas, busca averiguar se o psicólogo percebe e investiga as expressões faciais em seus pacientes;

A quarta, “Autopercepção”, com 4 perguntas, foi elaborada para investigar se o psicólogo percebe suas próprias expressões faciais no contexto clínico.

E a última, “Adaptabilidade”, com 4 perguntas, tem como objetivo apurar se o psicólogo muda suas estratégias terapêuticas conforme a expressão facial do seu paciente;

O instrumento construído visa dar embasamento para atingir o objetivo geral, que é discutir o uso da identificação das expressões faciais no trabalho do psicólogo clínico. Dessa forma, a tabela abaixo demonstra como foram divididas as perguntas.

Tabela 1– Esquema para análise dos dados

QUESTÕES	Categorias e análises	Objetivos
1- Nunca ouvi falar de comunicação não verbal.	Bloco 1 - Conhecimento	Verificar se os psicólogos tem conhecimento sobre comunicação não verbal
2- Já li a respeito sobre comunicação não verbal.		
3- Já estudei comunicação não verbal.		
4- Me capacitaria em técnicas de identificações de expressões faciais.		
5- Não tenho interesse em aprender sobre o assunto.		
6- Facilitaria mais o trabalho terapêutico com meus pacientes se eu aprendesse as técnicas.	Bloco 2 - Percepção	Avaliar a percepção dos psicólogos sobre a relevância em reconhecer emoções através das expressões faciais
7- A identificação de emoções através da expressão facial pode contribuir na prática clínica.		
8 - É uma habilidade essencial para o psicólogo.		
9 - Essas técnicas não se aplicam a minha abordagem.	Bloco 3 - Competência	Averiguar se o psicólogo percebe e investiga as expressões faciais em seus pacientes
10 - Investigo tipos de comunicações não verbais em meus pacientes.		
11 - Presto atenção na expressão facial do meu paciente.		
12 - Sei identificar emoções através da face.		
13 - Tenho facilidade em perceber mudanças de expressões faciais.		
14 - Essas técnicas são muito difíceis.	Bloco 4 - Autopercepção	Investigar se o psicólogo percebe suas próprias expressões faciais no contexto clínico
15 - Percebo minhas expressões faciais no decorrer da sessão de terapia.		
16 - Mantenho contato físico com meu paciente durante a sessão de terapia.		
17 - Me sensibilizo com a expressão facial de meu paciente.		
18 - Percebo que minhas expressões faciais sensibilizam meu paciente.	Bloco 5 - Adaptabilidade	Apurar se o psicólogo muda suas estratégias terapêuticas conforme a expressão facial do paciente
19 - Questiono o paciente quando a fala não condiz com sua expressão facial.		
20 - Acredito mais na expressão facial do que na fala paciente.		
21 - Mudo minha forma de agir conforme a expressão facial do paciente.		
22 - Não costumo me ater a esses detalhes.		

Fonte: Elaborado pela Autora (2017).

A coleta de dados foi conduzida através da plataforma *Survey*. O questionário foi enviado via e-mail para os participantes, todos preencheram o termo

de consentimento livre e esclarecido, bem como informações sobre sexo, idade, tempo de formação, tempo de prática clínica e abordagem teórica.

5 APRESENTAÇÃO DOS DADOS E DISCUSSÃO

A amostra é composta por 32 psicólogos, 7 do sexo masculino (21,9%) e 25 do sexo feminino (78,1%). As idades dos participantes situam-se entre 24 a 60 anos, com uma média de 41,25 anos. Tempo de formação entre 4 meses a 35 anos, com média de 8 anos. Tempo de prática clínica varia entre 4 meses a 30 anos, com uma média de 7 anos. Dentre as abordagens teóricas destacam-se, Cognitivo Comportamental com 13 participantes (40,6%), Psicanálise com 6 participantes (18,8%), Psicoterapia Corporal – Reich com 3 participantes (9,4%) , Gestalt com 3 participantes (9,4%), Psicodrama com 2 participantes (6,2%), Sistêmica com 1 participante (3,1%), Análise Transacional com 1 participante (3,1%), Psicologia Junguiana com 1 participante (3,1%), Abordagem centrada na pessoa com 1 participante (3,1%), e Biossíntese com 1 participante (3,1%).

O objetivo geral desse trabalho é discutir o uso da identificação das expressões faciais no trabalho do psicólogo clínico. Nesse contexto, a diversidade das abordagens dos participantes é fundamental para que essa pesquisa seja mais fidedigna possível, pois, as diferenças de experiências e contextos levantam questões importantes e evitam que a pesquisa tenha uma visão unilateral sobre o tema.

Sendo assim, podem ocorrer diferenças entre os pontos de vista e pressupostos teóricos do pesquisador e a visão dos participantes. Dessa forma é importante que o pesquisador tome consciência de seu contexto cultural específico, reconheça as limitações de sua visão de mundo, perceba seus preconceitos e coloque-se em posição de aprendiz. (BISOL, 2002)

Na categoria que avaliou o conhecimento do psicólogo sobre comunicação não verbal evidenciou-se que 68,8% dos participantes já ouviram falar sobre comunicação não verbal, 75% dos psicólogos já leram a respeito sobre o assunto, porém apenas 46,9% estudaram sobre o tema e outros 6,2% responderam que não teriam interesse em aprender sobre o tema.

Tabela 2 – Categoria conhecimento – percentual de respostas

QUESTÕES	CT	C	CP	DT	D	DP
1- Nunca ouvi falar de comunicação não verbal.				68,80%	25%	6,30%
2- Já li a respeito sobre comunicação não verbal.	75%	18,80%	6,30%			
3- Já estudei comunicação não verbal.	46,90%	34,40%	18,80%			
4- Me capacitaria em técnicas de identificações de expressões faciais.	56,30%	21,90%	18,80%			3,10%
5- Não tenho interesse em aprender sobre o assunto.		3,10%	3,10%	65,60%	18,80%	9,40%

Fonte: Elaborado pela Autora (2017).

Esses dados revelam que de alguma forma os profissionais familiarizaram-se com a comunicação não verbal, porém poucos buscaram se especializar no assunto, tornando-se assim profissionais com conhecimentos em comunicação não verbal e não especialistas em analisar esses comportamentos. De acordo com Gaiarsa (1984), o que vemos é tão relevante quanto o que ouvimos e se tivéssemos o hábito de observar os sujeitos enquanto falam, haveria mais interação entre interlocutor e ouvinte.

No que diz respeito ao interesse dos participantes em aprender sobre as técnicas de identificações de expressões faciais, 56,3% dos entrevistados informaram que teriam interesse em se capacitar sobre o tema, o que é visto como um aspecto positivo por Ramos e Bortagarai (2011, p. 3):

Quando o profissional se relaciona com o sujeito primeiramente, deve ouvir o que este fala, em segundo lugar, o que ele não deseja falar e, em terceiro lugar, o que ele não pode falar. Os profissionais de saúde têm a tarefa de interpretar o significado da comunicação não-verbal que o sujeito envia, com a finalidade de estabelecer um plano de cuidados adequado às necessidades singulares do paciente. A passividade dos sujeitos em sua relação com o profissional de saúde pode levá-los a se tornarem apenas um número, um caso clínico, uma ferida ou uma lesão diante de um olhar tecnicista. Por isso, a importância de se considerar a comunicação não-verbal como elo fundamental no processo de cuidado em saúde

Gois, Nogueira e Vieira (2011) também concluem que o verbal e o não-verbal se complementam, de forma a tornar a comunicação mais rica, compreensível e acessível, e destacam a importância dos profissionais especialmente da área da saúde de estudarem as formas de comunicação não verbal.

Na segunda categoria, que tinha como objetivo levantar a percepção dos psicólogos sobre a relevância em reconhecer as emoções através das expressões faciais e que responde a hipótese inicial desse trabalho, obtivemos o seguinte:

Tabela 3 – Categoria percepção – percentual de respostas

QUESTÕES	CT	C	CP	DT	D	DP
6 - Facilitaria mais o trabalho terapêutico com meus pacientes se eu aprendesse as técnicas.	50%	31,30%	18,80%			
7 - A identificação de emoções através da expressão facial pode contribuir positivamente na prática clínica.	56,30%	37,50%	6,30%			
8 - É uma habilidade essencial para o psicólogo.	46,90%	37,50%	12,50%			3,10%
9 - Essas técnicas não se aplicam a minha abordagem.	3,10%	9,40%	3,10%	40,60%	31,30%	12,50%

Fonte: Elaborado pela Autora (2017).

Percebe-se que mesmo com a diversidade de abordagem, idade, tempo de prática clínica, nenhum dos participantes discordou que o uso de técnicas que visam à identificação de expressões faciais contribuiria de forma positiva e facilitaria o trabalho terapêutico, confirmando a hipótese inicial.

O reconhecimento da existência e da importância de um modo não-verbal expresso através do corpo e do movimento do ser humano, ao lado do verbal, é de capital importância para profissionais que interagem com pessoas no seu dia a dia, principalmente para aqueles cuja ação está mais diretamente relacionada ao corpo e ao movimento como os psicólogos, médicos e os profissionais de Educação Física. (MESQUITA, 1997, p. 160).

Dessa forma é possível concluir que os psicólogos percebem a relevância de se atentar a estes sinais não verbais no processo de comunicação durante o processo terapêutico, expandindo seu olhar nos processos internos de seus pacientes.

Fica então evidente que, conhecimentos teóricos sobre a comunicação não-verbal, bem como a habilidade de emitir ou receber sinais não-verbais podem estar intimamente relacionados à atuação profissional do indivíduo na sociedade em determinadas profissões, os sinais não-verbais assumem relevância, na medida em que contribuem para uma maior percepção da outra pessoa - o cliente. (MESQUITA, 1997, p. 162)

Outro aspecto que se destacou nessa categoria está relacionado com o tipo de abordagem teórica, o entendimento dos entrevistados sobre a aplicabilidade da técnica de identificação de emoções através das expressões faciais e o interesse em aprender sobre o assunto, conforme tabela abaixo.

Tabela 4 – Aplicabilidade

Abordagem teórica	Tempo de prática clínica	Essas técnicas não se aplicam a minha abordagem	Não tenho interesse em aprender sobre o assunto
Cognitivo - Comportamental	7 anos	Concordo totalmente	Discordo totalmente
Gestalt	5 anos	Concordo parcialmente	Discordo parcialmente
Gestalt	3 anos	Concordo	Discordo totalmente
Junguiana	4 anos	Concordo	Discordo parcialmente
Sistêmica	5 anos	Concordo	Discordo

Fonte: Elaborado pela Autora (2017).

Dos 32 entrevistados apenas 5 (15,6%) dos profissionais consideram que a técnica de identificação de emoções através das expressões faciais não se aplica a sua abordagem, embora todos mostraram interesse em aprender sobre o assunto. A partir desses dados, podemos levantar uma reflexão passível de pesquisas futuras, nas quais os novos profissionais de psicologia estão mais abertos a aprender técnicas de diferentes abordagens a fim proporcionar mais assertividade e qualidade em seus atendimentos.

De acordo com Parreira (1990), a teoria não garante a prática, o domínio de uma teoria não assegura que o terapeuta irá atuar de acordo com ela, pois as ações deste profissional não são governadas apenas pelo seu conhecimento teórico, outros fatores coexistem para que seu trabalho seja coerente com a abordagem que escolheu, assim como para atender as demandas de profundidade, qualidade e competência diante de seu paciente.

Na categoria competência, verificou-se que 59,4% dos psicólogos investigam tipos de comunicações não verbais no decorrer da sessão de terapia, 81,3% prestam atenção nas expressões faciais do seu paciente, 43,8% percebem com facilidade mudanças nas expressões faciais, porém apenas 37,5% dos profissionais informaram que sabem identificar emoções através da face.

Tabela 5 – Categoria competência – percentual de respostas

QUESTÕES	CT	C	CP	DT	D	DP
10 - Investigo tipos de comunicações não verbais em meus pacientes.	59,40%	28,10%	12,50%			
11 - Presto atenção na expressão facial do meu paciente.	81,30%	12,50%	6,30%			
12 - Sei identificar emoções através da face.	37,50%	46,90%	15,60%			
13 - Percebo com facilidade mudanças de expressões faciais.	43,80%	43,80%	12,50%			
14 - Essas técnicas são muito difíceis.	3,10%	15,60%	34,40%	3,10%	25%	18,80%

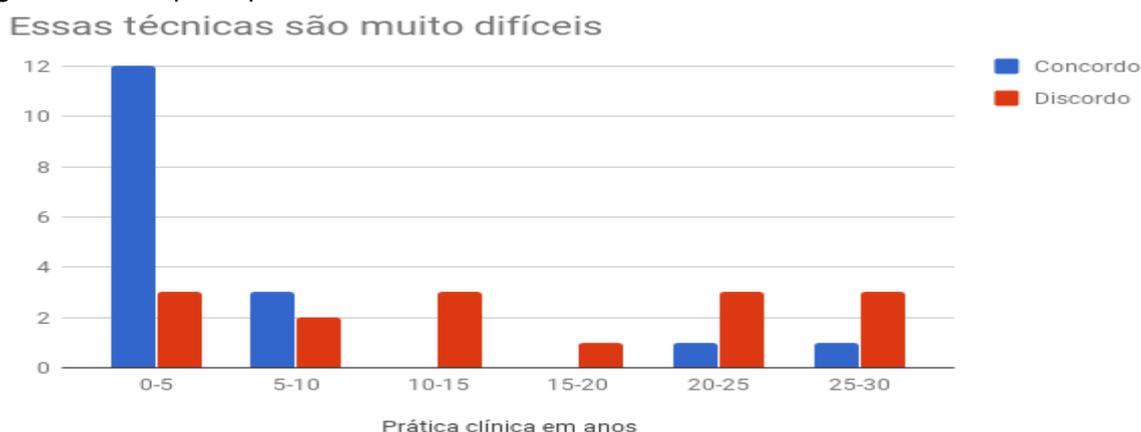
Fonte: Elaborado pela Autora (2017).

A observação das expressões faciais utilizada pelos psicólogos entrevistados pode estar relacionada com seus aprendizados no transcorrer de suas experiências pessoais e profissionais, conforme explica Mesquita (1997, p. 161)

O conhecimento pode ser adquirido de duas maneiras: inconsciente e conscientemente. O primeiro, no próprio transcorrer do ciclo de vida do indivíduo, nas suas interações sociais, nas suas observações e adaptações; é um conhecimento empírico não-sistematizado. O segundo é um processo de aquisição de informações através de distintos sistemas como leituras, palestras e cursos. Os dois processos são extremamente importantes, porém, quanto maior for a informação sistematizada, melhor compreensão o indivíduo terá desta área de conhecimento.

De acordo com Pires (2013) existe um nível de análise que pode ser desenvolvido por qualquer pessoa e que irá lhe proporcionar um melhor entendimento sobre suas interações com outros sujeitos, estes serão os usuários de conhecimentos sobre comunicação não-verbal, que não são especialistas, mas conseguirão fazer análises mais simples. Para se tornar especialista é necessário buscar a devida capacitação para desenvolver as técnicas de observação e análise comportamental.

Outro dado relevante que apareceu na pesquisa é que 53,1% dos participantes entendem que as técnicas de identificações de expressões faciais são muito difíceis. Através do gráfico abaixo é possível perceber que os psicólogos com menos de 5 anos de prática clínica, encontram mais dificuldades em trabalhar com essa técnica do que os profissionais com maior experiência.

Figura 11 – Tempo de prática x dificuldade

Fonte: Elaborado pela Autora (2017).

Pires (2013) destaca que é importante ficar atento a 3 habilidades que devem ser desenvolvidas para tornar-se um especialista em analisar comportamentos: (1) conhecimento técnico sobre comportamentos verbal e não-verbal; (2) habilidades avançadas em observação do comportamento; e (3) boa memória, para análises realizadas sem auxílio de vídeos ou fotos durante as interações. A dificuldade relatada pelos entrevistados, pode estar relacionada com o pouco tempo de prática clínica, já que a maioria dos psicólogos que responderam considerarem a identificação de emoções através das expressões faciais uma técnica difícil, possuem menos de 5 anos de experiência no contexto clínico, também é possível perceber que essa dificuldade foi diminuindo conforme o psicólogo vai se tornando mais experiente e, portanto, desenvolvendo as habilidades indispensáveis para ser especialista em analisar comportamentos citadas pelo autor acima.

Na categoria autopercepção buscamos investigar se o psicólogo percebe suas expressões faciais no contexto clínico, e se as mesmas podem lhe causar alguma influência. Nesse quesito, 90,6% dos entrevistados afirmaram que de alguma forma percebem suas próprias expressões faciais, 93,8% dos entrevistados se sentem sensibilizados com a expressão facial do paciente, 81,3% dos profissionais percebe que suas expressões faciais sensibilizam seus pacientes.

Tabela 6 – Categoria autopercepção – percentual de respostas

QUESTÕES	CT	C	CP	DT	D	DP
15 - Percebo minhas expressões faciais no decorrer da sessão de terapia.	15,60%	40,60%	34,40%	3,10%		6,30%
16 - Mantenho contato físico com meu paciente durante a sessão de terapia.	6,30%	21,90%	34,40%	12,50%	21,90%	3,10%
17 - Me sensibilizo com a expressão facial de meu paciente.	21,90%	37,50%	34,40%			6,30%
18 - Percebo que minhas expressões faciais sensibilizam meu paciente.	12,50%	56,30%	12,50%	9,40%	6,30%	3,10%

Fonte: Elaborado pela Autora (2017).

Perceber as sensações e sentimentos causados pelos pacientes nos terapeutas é um assunto bastante conhecido pelos psicólogos de abordagens psicodinâmicas, já que para eles, esse fenômeno está relacionado com a contratransferência, que de acordo com Zaslavsky e Santos (2007 p. 30) “permite que o analista escute por meio de seus sentimentos o que o paciente diz e o que ele não diz, por ignorá-lo no plano consciente”.

A pesquisa evidenciou que quase todos entrevistados de certa forma percebem que as expressões faciais dos pacientes lhe sensibilizam, por esse motivo, aprender sobre uso da identificação de emoções através das expressões faciais, pode ser uma ferramenta importante para os psicólogos que não são de abordagens psicodinâmicas e, portanto, não focam seus estudos da mesma maneira nesse tema, podendo utilizar as informações que a técnica proporciona para corroborar suas decisões terapêuticas, já que na maioria das vezes as mesmas estão permeadas pelas emoções que o terapeuta sente, independente de sua abordagem. Deixo aqui mais uma sugestão para futuras pesquisas, pois, um estudo mais aprofundado sobre a autopercepção de emoções por parte dos psicólogos de diferentes abordagens, seria benéfico, pois permitiria verificar em que medida o psicólogo utiliza suas próprias emoções como regulador de suas decisões em relação à terapia.

As respostas obtidas na categoria adaptabilidade, evidenciam que, a despeito de muitos dos psicólogos não terem a capacitação técnica adequada nos métodos de investigação de análise de emoções através da face, a percepção empírica das emoções pelo movimento facial é utilizada como elemento de informação no contexto terapêutico. Esta afirmação se dá através dos dados obtidos nas perguntas 19, 20 e 21, nas quais 93,8% dos entrevistados afirmam que de certa forma questionam o paciente quando a fala não condiz com sua expressão facial, 68,8% acreditam mais

na expressão facial do paciente do que na fala propriamente dita, e 84,4% dos profissionais entrevistados mudam sua forma de agir de acordo com a expressão facial do seu paciente e somente 9,4% afirmam não se ater a esses detalhes.

Tabela 7 – Categoria adaptabilidade – percentual de respostas

QUESTÕES	CT	C	CP	DT	D	DP
19 - Questiono o paciente quando a fala não condiz com sua expressão facial.	34,40%	37,50%	21,90%	3,10%		3,10%
20 - Acredito mais na expressão facial do que na fala paciente.	15,60%	9,40%	43,80%	3,10%	6,30%	21,90%
21 - Mudo minha forma de agir conforme a expressão facial do paciente.	12,50%	25%	46,90%		9,40%	6,30%
22 - Não costumo me ater a esses detalhes.			9,40%	53,10%	31,30%	6,30%

Fonte: Elaborado pela Autora (2017).

Se o psicólogo interpretar que as expressões faciais do seu paciente são comunicadores das emoções básicas, poderá explorar esse conhecimento no contexto clínico em diversas ocasiões, bem como: perceber incongruências na fala e na expressão facial, podendo questioná-lo mais sobre o assunto, ou ainda perceber se o paciente está fugindo do assunto e mudar suas estratégias terapêuticas; Regular a empatia; Trabalhar com monitoramento de emoções em pacientes depressivos, descoberta da dor, ajudar indivíduos de espectro autista que apresentam dificuldades de comunicação ou até mesmo os que não conseguem se expressar através da linguagem oral, e outras inúmeras possibilidades que o conhecimento da técnica pode proporcionar a esse profissional, conforme corrobora Palhoco (2011, p. 1)

Na interação social, o ser humano demonstra os seus afetos e os seus estados emocionais aos outros preferencialmente através da face, permitindo-lhes que ajustem as suas respostas e comportamentos a partir do feedback que recebem da expressão facial. De igual modo, na terapia, o cliente transmite as suas emoções e o seu conforto ou desconforto ao longo da sessão através da zona corporal que está em maior contato com o terapeuta, a face, o que permite ao último adequar o seu comportamento, momento a momento, de acordo com a informação que vai percebendo.

6 CONCLUSÃO

Como vimos no decorrer desse trabalho, as emoções podem surgir através de diferentes formas e em resposta a eventos distintos, causando reações físicas e motivacionais, ambas de extrema importância para a psicoterapia. As reações físicas percebidas através de posturas, gestos, vocalizações e expressões faciais podem contribuir no trabalho de psicólogos cujas abordagens trabalham com a visualização do paciente, tornando mais fácil distinguir os estados emocionais por meio das emoções expressas na face. As reações motivacionais também exercem grande papel na psicoterapia, já que é fundamental que haja motivação para mudança.

Dessa forma, o psicólogo que observa mais indicadores pode direcionar o processo terapêutico com mais assertividade.

Embora a face seja a parte do corpo mais visível, atuando como um display de nossas emoções, geralmente as pessoas não utilizam as informações transmitidas por ela, incluindo muitos psicólogos como visto nesse trabalho. Apesar de ter ficado evidente que os mesmos consideram importante saber identificar as emoções através da face, estes também julgam ser difícil observar e interpretar os sinais por ela transmitido. Contudo, percebe-se o interesse da maioria dos entrevistados em aprender mais sobre o assunto, já que essa técnica possibilita observar a congruência/incongruência entre as expressões faciais e as emoções verbalmente expressas.

Essa observação é vantajosa para o psicólogo, considerando a possibilidade de desvendar uma riqueza maior da vida emocional, uma vez que poderia perceber uma quantidade maior de emoções e não somente as verbalmente expressas pela pessoa em terapia. Além disso, a leitura das emoções em outra camada comunicativa pode servir de regulador para a tomada de decisão a respeito da estratégia terapêutica.

Visto o percentual de interesse dos participantes em aprender a trabalhar com essa ferramenta, é passível de investigações futuras verificar se as universidades proporcionam disciplinas ou cursos que abordem a comunicação não verbal, uma vez que há pouco conteúdo disponível em português e raros cursos no Brasil de capacitação técnica. Se levarmos em consideração o impacto da formulação teórica sobre as emoções básicas na psicoterapia, e considerando que havendo um certo padrão em uma quantidade básica de emoções, esse entendimento inicial das

questões emocionais trazidas pela pessoa em atendimento pode facilitar o progresso na terapia.

Ao levantar a percepção de psicólogos sobre a relevância em reconhecer emoções na sua prática profissional, ficou claro, no resultado do questionário, que os sujeitos da pesquisa acreditam que observar as emoções pelas expressões faciais iria facilitar e contribuir positivamente com seus trabalhos no contexto clínico.

Sugere-se, portanto, que a pesquisa desse assunto tenha continuidade, visto que há poucas publicações e estudos relacionando expressões faciais e psicologia, dessa forma, no decorrer desse trabalho existem várias sugestões de pesquisas a fim de incentivar o trabalho científico nessa área.

REFERÊNCIAS

AMARO, Maria Teresa Valetim. **As expressões faciais no estudo de emoções específicas** – Uma análise da importância do contexto situacional no reconhecimento de algumas emoções. Tese (Mestrado em Etologia). ISPA. 2000. 79 p.

APA - PRESIDENTIAL TASK - FORCE ON EVIDENCE - BASED PRACTICE. **Evidence-based practice in psychology**. American Psychologist, 61, p. 271–285, 2006.

ARRIAGA, Patricia; ALMEIDA, Gisela. **Fábrica de emoções: A eficácia da exposição a excertos de filmes na indução de emoções**. 2010. Laboratório de Psicologia, 8(1): 63-80. Instituto Universitário de Lisboa. Disponível em: <<https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/2156>> Acesso em: 15 jul. 2017.

ARRUDA, Beatriz Bettencourt. **Emoções e perturbação emocional: Reconhecimento de expressões faciais**. 2015. 107 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Fernando Pessoa. Porto. Disponível em: <<http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/4741/3/Dissertação%20Mestrado%20Beatriz%20Arruda.pdf>> Acesso em: 10 jun. 2017.

ARRUDA, Marlene de Jesus Ferreira Carvalho. **O ABC das emoções básica: Implementação e avaliação de duas sessões de um programa para a promoção de competências emocionais. Um enfoque comunitário**. 2014. 143 f. (Mestrado em psicologia) Universidade dos Açores. Ponta Delgada. Disponível em: <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/3365/2/DisserMestradoMarleneJesusFerreiraCarvalhoArruda2015.pdf> Acesso em: 10 jul. 2017.

BISOL, Cláudia Alquati. **Estratégias de pesquisa em contextos de diversidade cultural: entrevistas de listagem livre, entrevistas com informantes-chave e grupos focais**. 2002. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v29s1/08.pdf>> Acesso em: 28 out 2017.

CHAMATI, Ana Beatriz Dornellas. **Discriminação de expressões faciais por crianças: Um treino de discriminação condicional**. 2013. 85 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Experimental) - Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PSP_951003f9b5c108e626d8b47755188014> Acesso em: 13 jun. 2017.

DAMÁSIO, Antonio R. **O erro de descartes: Emoção, razão e cérebro humano**. Lisboa: Tradução de Dora Vicente e Georgina Segurado. São Paulo: Schwarcz. 1994. 116 p.

DAVIS, Flora. **A comunicação não-verbal**. São Paulo: Summus, 1979.

EKMAN, P. **Are there basic emotions?** Psychological Review, 99, 3, p. 550 – 553.

_____. **Emotions Revealed: Recognizing Faces and Feelings to Improve Communication and Emotional Life**. New York: Times Books, 2003. Disponível em: <

<https://zscalarts.files.wordpress.com/2014/01/emotions-revealed-by-paul-ekman1.pdf>> Acesso em: 8 ago. 2017.

_____. **A linguagem das emoções**. Tradução de Carlos Szlak. São Paulo. Lua de papel. 2011. 287 p.

EKMAN, Paul; FRIESEN, Wallace V. **Unmasking the face**. A guide to recognizing emotions from facial clues. Cambridge MA: Malor Books.. 2003.

FAIGIN, Gary. **The artist's complete guide to facial expression**. New York: Watson guptill publications, 1990. 288 p.

FERREIRA, Bárbara Carvalho. **Expressões faciais de emoções de crianças com deficiência visual e videntes: Avaliação e intervenção sob a perspectiva das habilidades sociais**. 2012. 247 f. Tese (Doutorado em Psicologia) Universidade Federal de São Carlos. São Carlos. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/SCAR_2d189830b4ce787388b79a6197a60e7b> Acesso em: 10 jun. 2017.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Universidade Estadual do Ceará. 2002. Disponível em: <[http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/lapnex/arquivos/files/Apostila_METODOLOGIA_DA_PESQUISA\(1\).pdf](http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/lapnex/arquivos/files/Apostila_METODOLOGIA_DA_PESQUISA(1).pdf)> Acesso em: 17 jun. 2017.

FORZA, C. **Survey research in operations management: a processbased perspective**. International Journal of Operations & Production Management, v. 22, n. 2, p. 152-194, 2002.

GAIARSA, José Angelo. **Trabalho corporal em psicoterapia, fundamentos e técnicas: couraça muscular do caráter – W Reich**. São Paulo: Ágora, 1984.

GOIS, Aline Katia de; NOGUEIRA, Maria Francisca M; VIEIRA, Nadia Vitorino. **A linguagem do corpo e a comunicação nas organizações**. Rev. Anagrama. Ano 4 ed 4. 2011.

GREBOT, Ivan Bouchardet da Fonseca. **O reconhecimento das expressões faciais como uma habilidade relacional**. 2012. 42 f. Monografia (Graduação em Psicologia) - Universidade Católica de Brasília. Brasília. Disponível em: <<https://repositorio.ucb.br/jspui/handle/10869/5550>> Acesso em: 9 jun. 2017.

JR, Raul Marino. **Fisiologia das emoções: Introdução à neurologia do comportamento, anatomia e funções do sistema límbico**. São Paulo: Sarvier. 1975. 101 p.

LANE, Silvia T. Maurer; ARAUJO, Yara. **Arqueologia das emoções**. Sao Paulo: Vozes. 2000. 128 p.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Manual para elaboração de monografias**. 2. ed. São Paulo: Atlas. 1994. 107 p.

MATSUMOTO, David; WILLINGHAM, Bob. The thrill of victory and the agony of defeat: Spontaneous expressions of medal winners of the 2004 Athens Olympic Games. *Journal of Personality and Social Psychology*, 91, 3, 568-581, 2006.

MATSUMOTO, David; WILLINGHAM, Bob. Spontaneous facial expressions of emotion of blind individuals. **Journal of Personality and Social Psychology**, 96, 1, 1-10, 2008.

MESQUITA, Rosa Maria. **Comunicação não-verbal: Relevância na atuação profissional**. 1997. Rev. Paul. Educ. Fís., São Paulo, 11(2):155-63, jul./dez.

NETO, Wolme Cardoso Alves. **Efeitos do escitalopram sobre a identificação de expressões faciais**. 2008. 89 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas) – Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto. Disponível em: < www.teses.usp.br/teses/disponiveis/17/17148/tde-25032009-210215/.../Wolme.pdf> Acesso em: 5 out. 2017.

PALHOCO, Ana Rita de Mendonça Santos. **Estudo da empatia e da percepção de emoções em psicoterapeutas e estudantes de psicologia**. Tese (Mestrado integrado em psicologia). Universidade de Lisboa. 2011. Disponível em: < http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4997/1/ulfpie039670_tm.pdf> Acesso em: 1 nov. 2017.

PARREIRA, Walter Andrade. **Algumas considerações sobre as diferenças entre as abordagens psicoterápicas**. Rev. Plural – Faculdade de Ciências Humanas da Fumec. Belo Horizonte, MG. n. 1, abril 1990.

PIRES, Sergio Fernandes Senna. **Existem Emoções Básicas?** Instituto Brasileiro de Linguagem Corporal. 2011. 2f

_____. **Códigos da ação facial**. Instituto Brasileiro de Linguagem Corporal. 2013.

_____. **Paul Ekman – Expressões faciais e emoções**. Instituto Brasileiro de Linguagem Corporal. 2017.

_____. **Desvendando a Face: as emoções pelas expressões faciais**. Apostila do Instituto Brasileiro de Linguagem Corporal. Brasília, 2017.

RAMOS, Ana Paula; BORTAGARAI, Francine Manara. **A comunicação não-verbal na área da saúde**. Rev CEFAC, São Paulo. v. 14, n. 1, p. 164-170, 8 Jul. 2011. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/rcefac/2011nahead/186_10.pdf> Acesso em: 25 set. 2017.

REEVE, Johnmarshall. **Motivação e emoção**. Rio de Janeiro: LTC, 2006. 356 p.

ROSA, Tânia Filipa Soeiro de Azevedo e Fontes. **O reconhecimento de expressões de emoções básicas e auto-conscientes na população portuguesa**. 2011. 182 f.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa. Disponível em: <<http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/1680>> Acesso em: 9 jun. 2017.

ROSSI, Ana Paula; SILVEIRA, Rafaela da; SANTOS, Sanderleia de Oliveira dos; **Formulação e operacionalidade de hipótese**. Universidade Federal do Espírito Santo – Jerônimo Monteiro/ ES, 2012. Disponível em: <files.wendelandrade.webnode.com.br/.../Formulação%20e%20operacionalidade%20d> Acesso 3 set 2017.

SANCHEZ, Raquel Santana Schiavon. **A relevância da comunicação não-verbal na eficiência dos vendedores**. 2007. 55 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Católica de Goiás. Goiânia. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PGOI_52b788c678937ff6f923fd452b69def9> Acesso em: 12 jun. 2017.

SILVA, Liane Di Stefano da. Evências de validade entre o Staxi e o PFT. Dissertação Universidade São Francisco. Itatiba. 2009. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp127961.pdf>> Acesso em: 15 out. 2017.

SOUSSIGNAN, Robert. Regulatory Function of Facial Actions in Emotion Processes. In COLUMBUS, F. **Advances in Psychology Research**. Nova Iorque: Nova Science Publishers, 2004, p. 171-196.

VASCO, António Branco. **Sinto e penso, logo existo!: Abordagem Integrativa das emoções**. Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Prof. Doutor Fernando Fonseca, EPE. 2013. Vol. 11. Nº 1. Disponível em: < <http://repositorio.hff.min-saude.pt/bitstream/10400.10/1100/1/Art3.pdf>> Acesso em: 1 nov 2017.

VIEIRA, Héliida Arrais Costa. **O padrão de trajetória visual para o reconhecimento de expressões faciais**. 2015. Tese (Doutorado em Ciências do Comportamento) - Universidade de Brasília. Brasília. Disponível em: <repositorio.unb.br/bitstream/10482/19707/1/2015_HéliidaArraesCostaVieira.pdf> Acesso em: 10 jun. 2017.

ZASLAVSKY, Jacó; SANTOS, Manuel J.P. dos. **Contratransferência: Teoria e prática clínica**. Artmed. 2007.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Questionário aplicado aos psicólogos**Dados de identificação dos (as) participantes da pesquisa.**

SEXO: Feminino () Masculino ()

IDADE:

TEMPO DE FORMAÇÃO:

TEMPO DE PRÁTICA CLÍNICA:

ABORDAGEM TEÓRICA: () Psicanálise

- () Cognitivo – Comportamental
- () Gestalt
- () Behaviorismo
- () Psicoterapia Corporal – Reich
- () Transpessoal
- () Outros _____

LEGENDAS

CT: Concordo Totalmente;

C: Concordo;

CP: Concordo Parcialmente;

DT: Discordo Totalmente;

DP: Discordo Parcialmente.

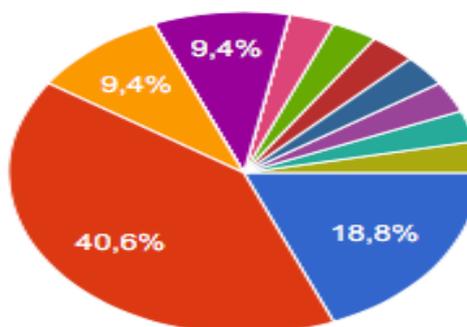
APÊNDICE B – Questionário aplicado aos psicólogos

QUESTÕES	CT	C	CP	DT	D	DP
1- Nunca ouvi falar de comunicação não verbal.						
2- Já li a respeito sobre comunicação não verbal.						
3- Já estudei comunicação não verbal.						
4- Me capacitaria em técnicas de identificações de expressões faciais.						
5- Não tenho interesse em aprender sobre o assunto.						
6- Investigo tipos de comunicações não verbais em meus pacientes.						
7- Presto atenção na expressão facial do meu paciente.						
8- Sei identificar emoções através da face.						
9- Percebo com facilidade mudanças de expressões faciais.						
10 - Essas técnicas são muito difíceis.						
11- Facilitaria mais o trabalho terapêutico se eu aprendesse as técnicas.						
12- A identificação de emoções através da expressão facial pode contribuir positivamente na prática clínica.						
13- É uma habilidade essencial para o psicólogo.						
14- Essas técnicas não se aplicam a minha abordagem.						
15- Questiono o paciente quando a fala não condiz com sua expressão facial.						
16- Acredito mais na expressão facial do que na fala paciente.						
17- Mudo minha forma de agir conforme a expressão facial do paciente.						
18- Não costumo me ater a esses detalhes.						
19 - Percebo minhas expressões faciais no decorrer da sessão de terapia.						

20- Mantenho contato físico com meu paciente durante a sessão de terapia.						
21- Me sensibilizo com a expressão facial de meu paciente.						
22- Percebo que minhas expressões faciais sensibilizam meu paciente.						

APÊNDICE C – Representação gráfica da pesquisa – Abordagem teórica**Abordagem teórica**

32 respostas



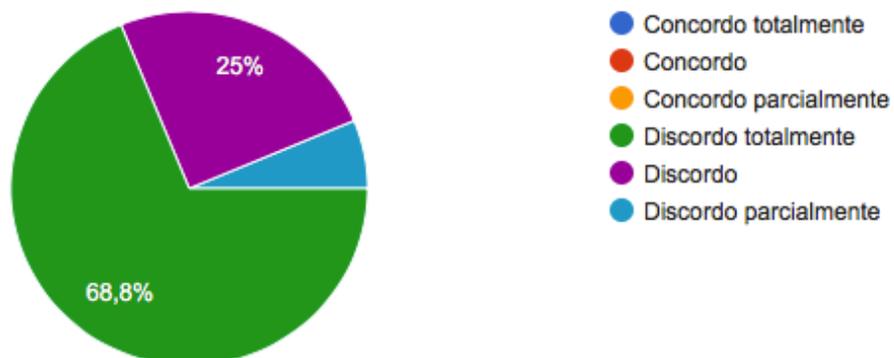
- Psicanálise
- Cognitivo - Comportamental
- Gestalt
- Behaviorismo
- Psicoterapia Corporal - Reich
- Transpessoal
- PSICODRAMA
- Psicodrama
- Sistêmica
- Análise Transacional
- Abordagem Centrada na Pessoa
- Psicologia Junguiana
- Biossíntese

▲ 1/2 ▼

APÊNDICE D – Representação gráfica da pesquisa – Nunca ouvi falar de comunicação verbal

Nunca ouvi falar de comunicação não verbal.

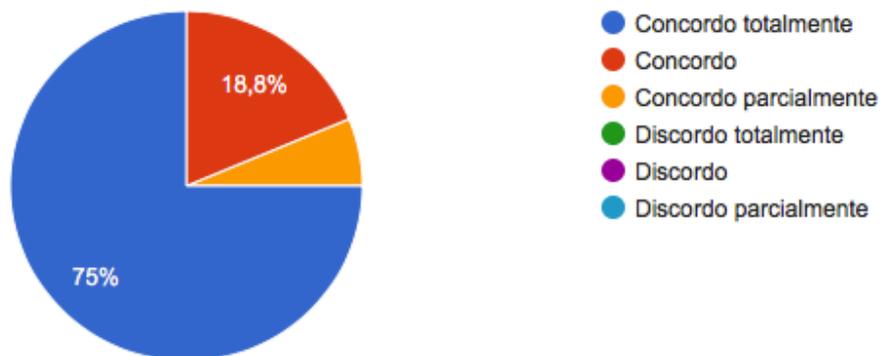
32 respostas



APÊNDICE E – Representação gráfica da pesquisa – Já li a respeito sobre comunicação não verbal

Já li a respeito sobre comunicação não verbal.

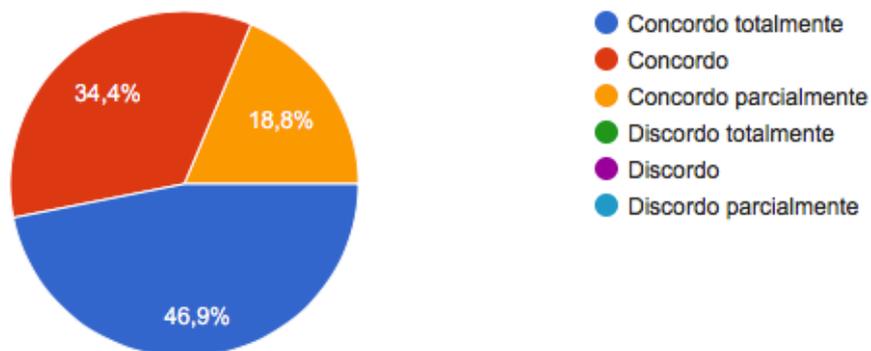
32 respostas



APÊNDICE F – Representação gráfica da pesquisa – Já estudei comunicação não verbal

Já estudei comunicação não verbal.

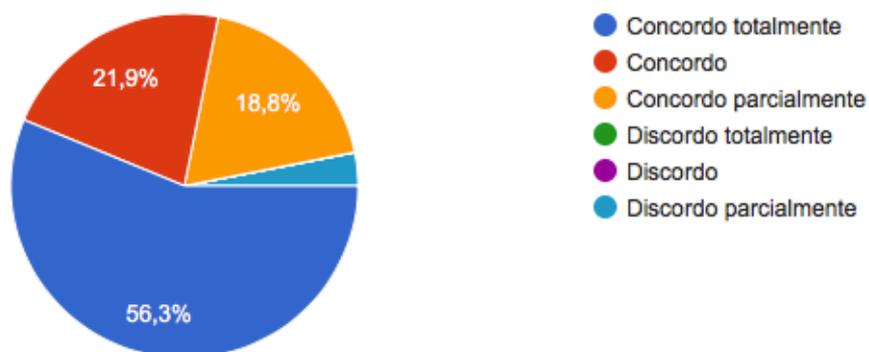
32 respostas



APÊNDICE G – Representação gráfica da pesquisa – Me capacitaria em técnicas de identificações de expressões faciais

Me capacitaria em técnicas de identificações de expressões faciais.

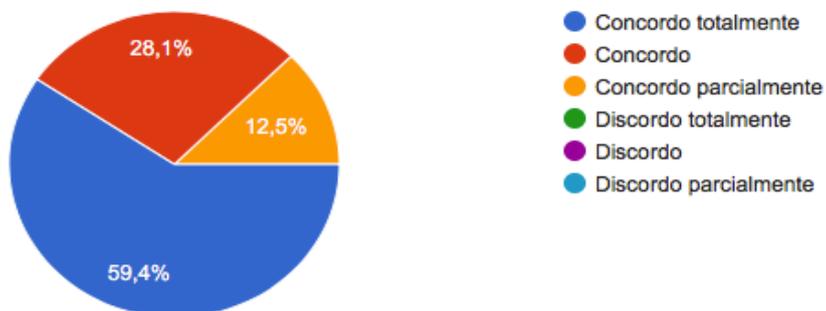
32 respostas



APÊNDICE H – Representação gráfica da pesquisa – Investigo tipos de comunicações não verbais em meus pacientes

Investigo tipos de comunicações não verbais em meus pacientes.

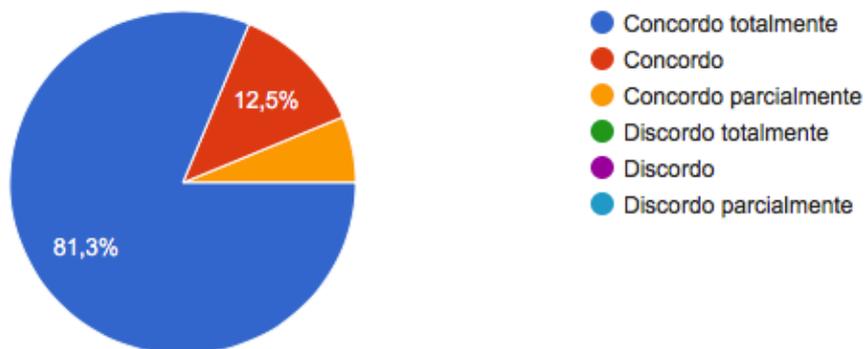
32 respostas



APÊNDICE I – Representação gráfica da pesquisa – Presto atenção na expressão facial do meu paciente

Presto atenção na expressão facial do meu paciente.

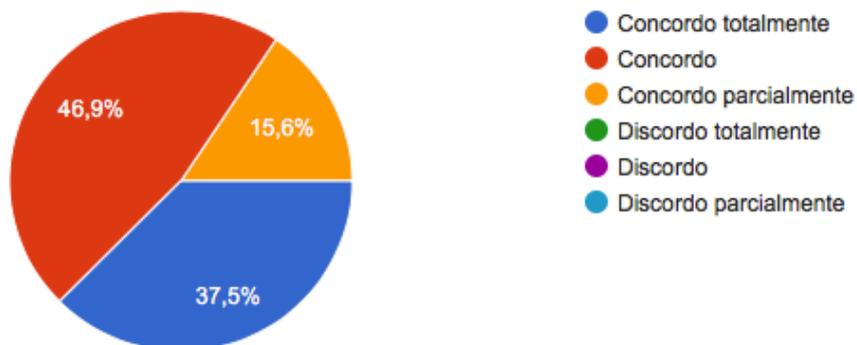
32 respostas



APÊNDICE J – Representação gráfica da pesquisa – Sei identificar emoções através da face

Sei identificar emoções através da face.

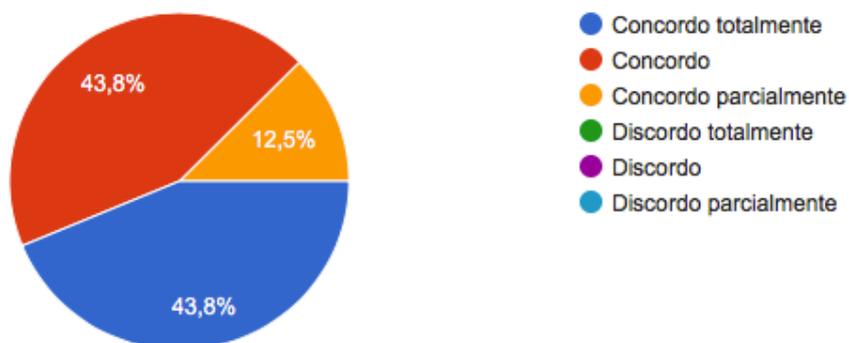
32 respostas



APÊNDICE K – Representação gráfica da pesquisa – Percebo com facilidade mudanças de expressões faciais

Percebo com facilidade mudanças de expressões faciais.

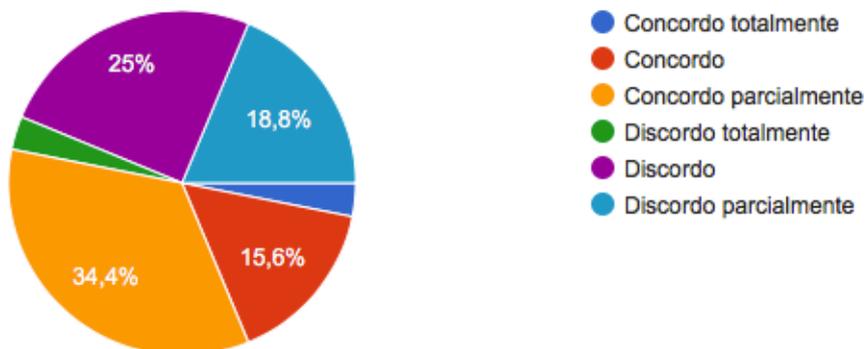
32 respostas



APÊNDICE L – Representação gráfica da pesquisa – Essas técnicas são muito difíceis

Essas técnicas são muito difíceis.

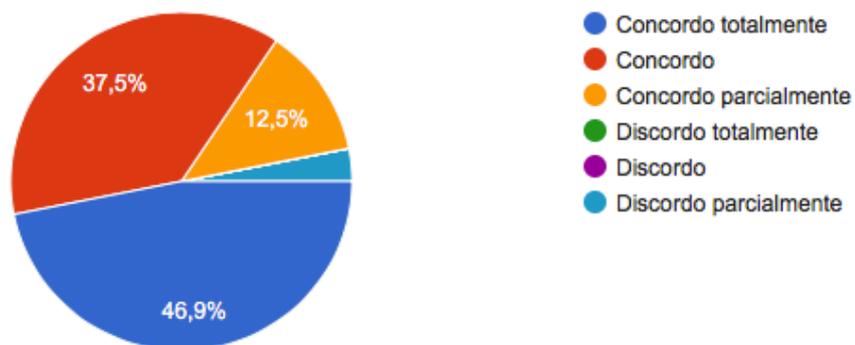
32 respostas



APÊNDICE M – Representação gráfica da pesquisa – É uma habilidade essencial para o psicólogo

É uma habilidade essencial para o psicólogo.

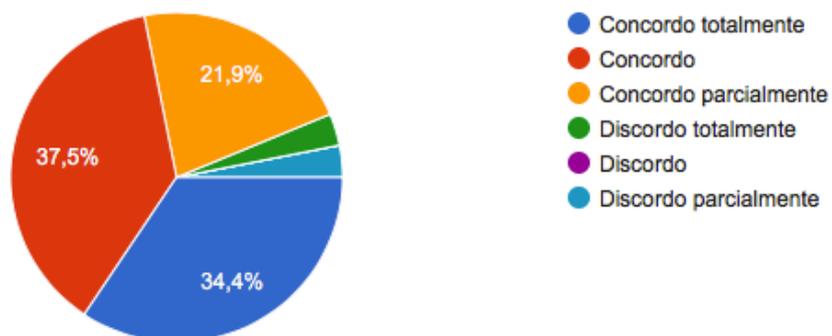
32 respostas



APÊNDICE N – Representação gráfica da pesquisa – Questiono o paciente quando a fala não condiz com sua expressão facial

Questiono o paciente quando a fala não condiz com sua expressão facial.

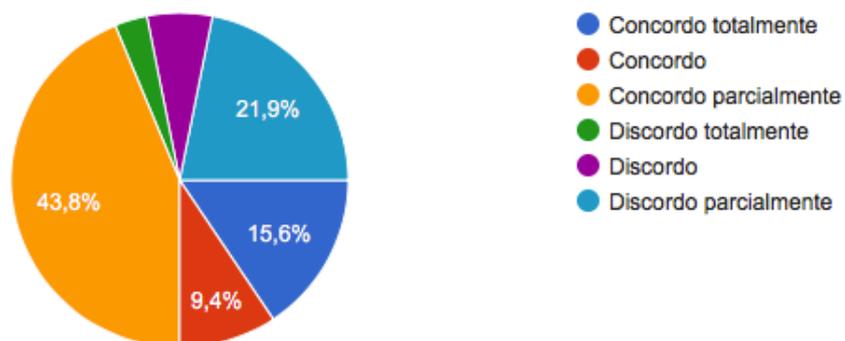
32 respostas



APÊNDICE O – Representação gráfica da pesquisa – Acredito mais na expressão facial do que na fala do paciente

Acredito mais na expressão facial do que na fala do paciente.

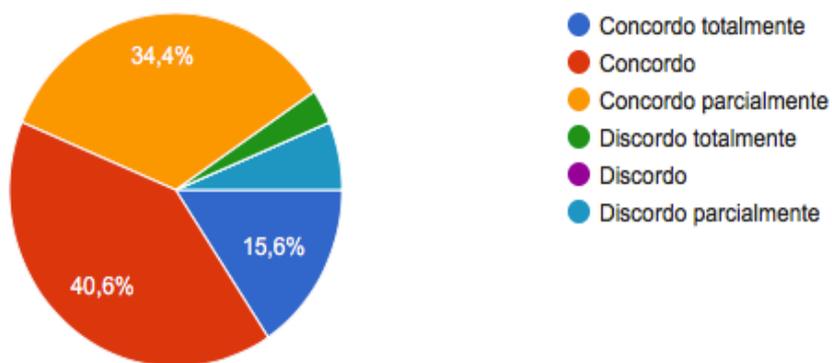
32 respostas



APÊNDICE P – Representação gráfica da pesquisa – Percebo minhas expressões faciais no decorrer da sessão de terapia

Percebo minhas expressões faciais no decorrer da sessão de terapia.

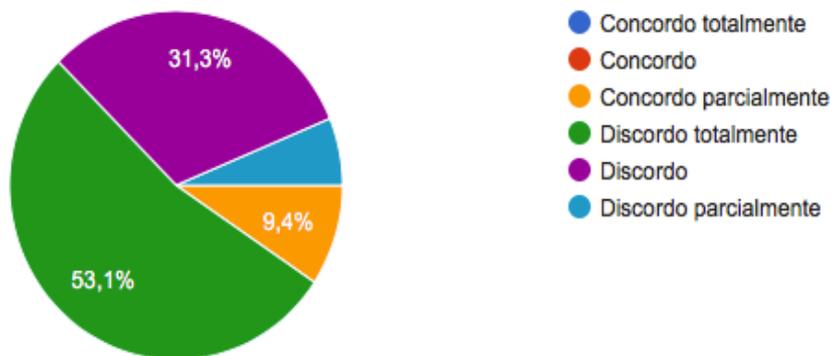
32 respostas



APÊNDICE Q – Representação gráfica da pesquisa – Não costumo me ater a esses detalhes

Não costumo me ater a esses detalhes.

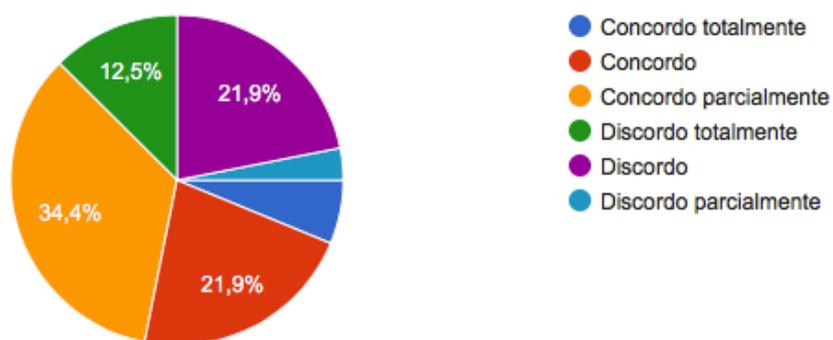
32 respostas



APÊNDICE R – Representação gráfica da pesquisa – Mantenho contato físico com meu paciente durante a sessão de terapia

Mantenho contato físico com meu paciente durante a sessão de terapia.

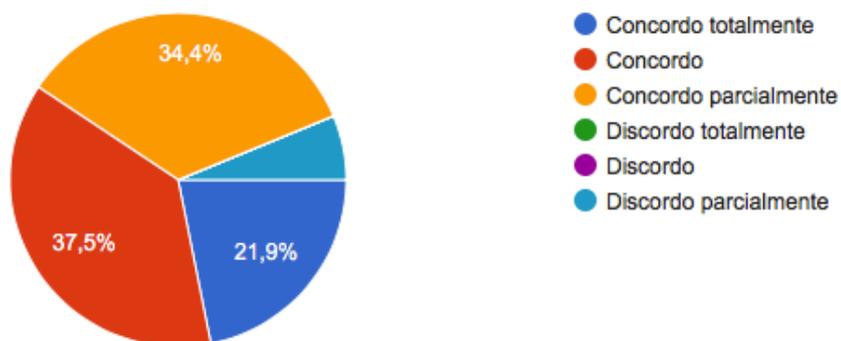
32 respostas



APÊNDICE S – Representação gráfica da pesquisa – Me sensibilizo com expressão facial do meu paciente

Me sensibilizo com a expressão facial de meu paciente.

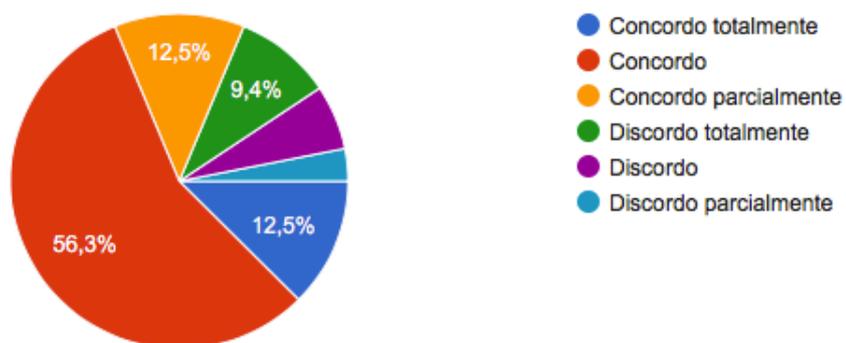
32 respostas



APÊNDICE T – Representação gráfica da pesquisa – Percebo que minhas expressões faciais sensibilizam meu paciente

Percebo que minhas expressões faciais sensibilizam meu paciente.

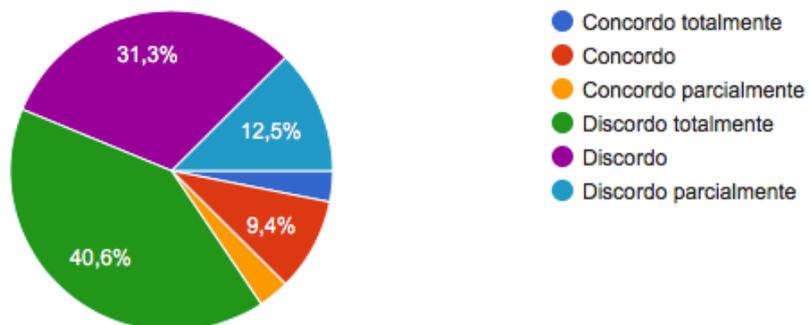
32 respostas



APÊNDICE U – Representação gráfica da pesquisa – Essas técnicas não se aplicam a minha abordagem

Essas técnicas não se aplicam a minha abordagem.

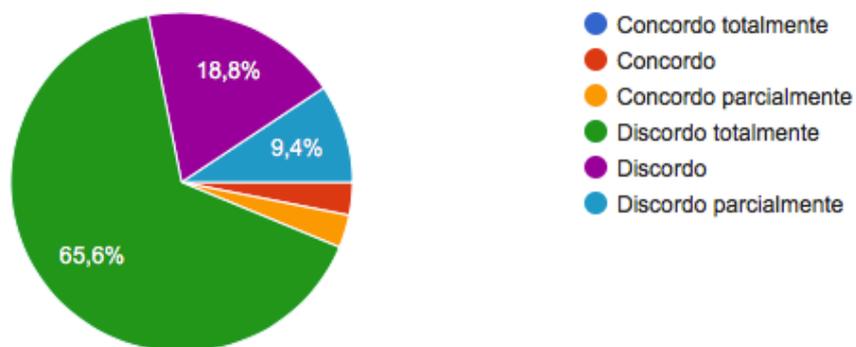
32 respostas



APÊNDICE V – Representação gráfica da pesquisa – Não tenho interesse em aprender sobre o assunto

Não tenho interesse em aprender sobre o assunto.

32 respostas



ANEXO

ANEXO A – TCLE - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TCLE - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (a) Sr (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada: “Comunicação não verbal: Identificação de emoções através de expressões faciais na prática da psicologia clínica” e representa a disciplina de trabalho de conclusão de curso (TCC), requisito obrigatório da Graduação do Curso de Psicologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense-UNESC. Seu objetivo geral é “Discutir o uso da identificação das expressões faciais no trabalho do psicólogo clínico”.

Mesmo aceitando participar do estudo, poderá desistir a qualquer momento, bastando para isso informar sua decisão aos responsáveis. Fica esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro, o (a) senhor (a) não terá direito a nenhuma remuneração. Declaramos que todos os riscos e eventuais prejuízos foram devidamente esclarecidos. Os dados referentes à sua pessoa serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 466/2012 do CNS - Conselho Nacional de Saúde, podendo o (a) senhor (a) solicitar informações durante todas as fases da pesquisa, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

Procedimentos detalhados que serão utilizados na pesquisa

Será utilizado para a pesquisa o questionário elaborado na plataforma Survey pela acadêmica, e as informações obtidas por meio desse questionário serão utilizadas pelo pesquisador, orientadora e coorientador no presente trabalho de conclusão de curso e a identificação dos participantes não será revelada, sendo os mesmos identificados, nesse estudo, por pseudônimos. Uma vez autorizado, às informações poderão ser utilizadas pelo pesquisador em textos acadêmicos: relatórios e artigos. Os resultados da pesquisa poderão ser apresentados em eventos científicos.

Riscos: Presume-se que não exista nenhum risco para os participantes nesta pesquisa, visto que a identidade dos mesmos será mantida em sigilo.

Benefícios: Devido à relevância que o tema de identificação de emoções através das expressões faciais possui na atualidade, o estudo se faz relevante pois busca

investigar a percepção do psicólogo clínico quanto à importância da identificação das emoções básicas por meio das expressões faciais para a sua prática clínica.

A coleta de dados será realizada pela acadêmica FRANCELE ABRANTE DOS SANTOS - acadêmica do Curso de Psicologia (UNESC) e orientado pela professora Ms. Rosimeri Vieira da Cruz de Souza - e pelo coorientador Dr. Sergio Fernandes Senna Pires.

Telefone do Comitê de Ética (48) 3431.2723.

Criciúma (SC) 20 de junho de 2017

Participante:

CPF:

Rosimeri Vieira da Cruz de Souza

CPF: